



Instituto Superior de Línguas e Administração

Os Coveiros enquanto Recursos Humanos

Maria Helena Gomes Jacques

Vila Nova de Gaia

2012

Mestrado

Os coveiros enquanto Recursos Humanos

2012





Instituto Superior de Línguas e Administração

Os Coveiros enquanto Recursos Humanos

Maria Helena Gomes Jacques

Tese submetida para satisfação parcial dos requisitos do grau de Mestre em Gestão de Recursos Humanos sob a orientação do Prof. Doutor Francisco Queiroz.

Vila Nova de Gaia

2012

Tese de Mestrado realizada sob a orientação do Prof. Doutor Francisco Queiroz, apresentada ao Instituto Superior de Línguas e Administração de Gaia para obtenção do grau de Mestre em Gestão de Recursos Humanos, conforme Aviso nº 16961/2010, da DGES, publicado no nº 217, na 2ª Série do Diário da República, em 9 de Novembro de 2010.



Instituto Superior de Línguas e Administração

Os Coveiros enquanto Recursos Humanos

Maria Helena Gomes Jacques

Aprovada em _____

Composição do Júri

Presidente

Arguente

Prof. Doutor Francisco Queiroz
Orientador

Dedico este trabalho ao meu sogro Eduardo Alcino, Homem cheio de qualidades, envolvido em várias Instituições desta Cidade, sempre pronto a ajudar tudo e todos e que, pese embora a sua grande prole de descendentes, sempre me acarinhou e demonstrou o orgulho que sentia por mim.

Faleceu durante a elaboração desta Tese e, apesar de ser um apaixonado pela leitura, nunca irá ler aquilo que escrevi.

Agradecimentos

A toda a equipa do cemitério de Paranhos, Eng.º Adriano Nogueira, D.^a Amália e todos os coveiros, que foram os primeiros a abrirem-me as portas e que, de forma totalmente transparente, me forneceram muitas informações, contribuindo para o arranque inicial do presente trabalho.

Ao Dr. Victor Sebastião, gestor de Recursos Humanos da Servilusa, que, amavelmente, me atendeu e se prontificou a transmitir-me tudo o que lhe questionei.

À Arquiteta Luísa Valente, da Câmara Municipal de Matosinhos, que me concedeu o privilégio da sua companhia, orientando uma visita pormenorizada ao Tanatório de Matosinhos e cemitério de Sendim, obra magnífica da sua autoria. Ainda na Câmara Municipal de Matosinhos, os meus agradecimentos ao Dr. Pedro Pereira que me autorizou a circulação pelos espaços, a todos os colaboradores que sempre se prontificaram a ajudar-me de forma célere e, em particular, à minha amiga de infância, Eng.^a Maria José Branco, pelo incentivo à realização do presente estudo.

A todas as entidades que de alguma forma colaboraram comigo, permitindo-me a acessibilidade aos diferentes espaços e abordagens aos seus colaboradores, as quais não posso mencionar por uma questão de prometido sigilo.

Aos coveiros, porteiros, chefias cemiteriais, floristas e famílias dos defuntos, lhes dirijo o meu especial agradecimento, pela sua preciosa e prestável colaboração.

Aos meus amigos, Dr. Carlos Silva, Dr. José Joaquim Lopes e Eng.º José de Sousa Lopes, que sempre que se apercebiam que eu começava a “adormecer”, me souberam dar tão precioso incentivo.

Ao meu especial amigo, Eng.º André Torres, sempre disponível a ajudar-me nas questões informáticas, salvando-me muitas vezes e dando-me ânimo e carinho.

À minha amiga, colega de trabalho e docente do Isla de Leiria, Dr.^a Lurdes Castanheira, pela sua preciosa colaboração.

Ao membro dos Alcoólicos Anónimos que, com uma imensa paciência, me esclareceu todas as dúvidas sobre a questão do alcoolismo.

Ao corpo clínico da Portugal Telecom - Associação de Cuidados de Saúde, nomeadamente aos meus amigos Dr.^a Virgínia Carvalho de Sousa e Dr. Jorge Carvalho de Sousa, pela forma tão singular como me apoiaram nos momentos menos fáceis.

Ao Isla de Gaia, através da Profa. Doutora Paula Campos e Dra. Rosalina pelo apoio logístico e pelo carinho.

Aos escritores Dr.^a Beatriz Hierro Lopes e Dr. Fran Belmonte (espanhol, coveiro, licenciado em História e autor do livro “Memórias de un Enterrador”), pela disponibilidade manifestada.

Ao meu orientador Professor Doutor Francisco Queirós, pela forma como me encaminhou.

Aos meus Pais, que aguentam dolorosamente as suas doenças incuráveis, pela enorme vontade de viver e pela força de espírito que sempre me transmitiram, estando, desde o primeiro momento, sempre do meu lado a apoiar-me e a mimar-me.

Aos meus filhos, ambos menores, pela paciência que tiveram em suportar as minhas ausências e o meu isolamento, as minhas más disposições e crises de ansiedade – são maravilhosos!

Ao Kent, o cão bebé que me apareceu em casa com um mês, quando faltavam dois meses para o prazo de entrega deste trabalho e que embora me revolucionasse a vida toda, me compensou com a sua dedicação, nomeadamente nos momentos que passou ao meu lado enquanto escrevia.

Finalmente, a Deus que me concedeu a força necessária para lutar contra todas as adversidades que me aconteceram neste período, conseguindo concretizar a tarefa até ao fim.

Resumo

A presente dissertação consiste num trabalho de investigação, descritivo e exploratório, cujo objetivo é o estudo da profissão de coveiro no universo dos recursos humanos - a sua profissão, formação, sentimentos e perspetiva inerente ao novo paradigma da cremação.

Começou por se abordar as dificuldades surgidas durante a elaboração do trabalho e que, fundamentalmente, se relacionavam com a falta de informação e o tabu e preconceito social que o tema da morte ainda provoca na sociedade atual.

Seguidamente, elaborou-se um enquadramento teórico e histórico sobre o nascimento dos cemitérios, baseado em referências bibliográficas, com o intuito de melhor compreender a necessidade da existência da profissão de coveiro.

Posteriormente, foi realizada uma análise cuidada e rigorosa aos dados recolhidos durante o trabalho de investigação, abordando os aspetos qualitativos e demográficos para, deste modo, se proceder à caracterização do perfil do coveiro, enquanto profissional. Recolheram-se opiniões junto da hierarquia (chefias) e dos clientes (famílias dos defuntos), de forma a construir uma ideia mais coesa da profissão de coveiro.

Para a um melhor entendimento da atividade profissional em estudo, realizou-se ainda uma entrevista aos responsáveis da Servilusa, entidade formadora neste sector, aprofundando deste modo, as boas práticas e se perceber como funciona este setor de atividade terciária.

Solicitaram-se esclarecimentos aos responsáveis dos Alcoólicos Anónimos (AA), com o intuito de aprofundar os conhecimentos em torno do problema do alcoolismo nesta profissão, de forma a opinar sobre esta matéria de uma maneira mais rigorosa e responsável.

Realizou-se ainda uma abordagem sobre a cremação como um novo paradigma que poderá, de certo modo, pôr em causa o futuro da função do coveiro e respetiva categoria profissional.

Como conclusão, sugeriram-se soluções que visam a melhoria da situação profissional dos coveiros, do seu bem-estar e condições de trabalho, tendo o presente trabalho culminado com a criação de um código de ética, na implementação da avaliação de desempenho, atribuição da carreira de coveiro e respetivas categorias, assim como na atualização de conhecimentos e melhoria de competências profissionais e pessoais, com o recurso à formação profissional.

Palavras-Chave: Coveiro, Cemitério, Cremação, Inumação, Exumação

Abstract

The current dissertation consists of a descriptive and exploratory research work, whose goal is the study of gravediggers as human resources – their job, education, feelings and perspective inherent to the new paradigm of cremation.

It begins by addressing the difficulties encountered during the preparation of this study, which were fundamentally related to the lack of information, the taboo, and the social prejudice that still evokes the theme of death on society nowadays.

Afterwards it was made a theoretical and historical framework about the birth of cemeteries, based on bibliography references, to better understand the need of the existence for the gravedigger's job.

Hereafter, a careful and strict analysis of the data collected during the research work was conducted with focus on its demographic and qualitative aspects, in order to profile the gravedigger as a professional. Opinions from the hierarchy (managers) and customers (families of deceased) were gathered, to build a more cohesive idea about gravediggers as workers.

To better understand the career in study another interview was conducted to who is in charge of Servilusa, as a provider of training to Gravediggers, deepening the understanding of this third sector activity and which good things are usually done by it.

Some clarifications were asked to the Alcoholics Anonymous (AA) to be able to deepen the knowledge surrounding the issue of alcohol in this sector of activity so that a more responsible and precise opinion on this matter can be given.

The Cremation as a new paradigm that may, somehow question the role of gravedigger and respective professional category was also addressed.

As a conclusion, some solutions were suggested as a way to improve the situation of these professionals on their well being and work conditions, by creating a code of ethics, evaluating their performance, creating the gravedigger career and related categories. As well as, updating the knowledge on the subject and improving their professional and personal skills, by resorting to professional training.

Keywords: Gravedigger, Cemetery, Cremation, Burial, Exhumation.

Índice

Agradecimentos	ix
Resumo.....	xi
Abstract	xii
Prefácio	15
Dificuldades	17
Introdução	19
Capítulo 1 – O nascimento dos cemitérios.....	23
Capítulo 2 – Análise de resultados demográficos	25
Capítulo 3 – Análise qualitativa de resultados	29
Capítulo 4 – Perspetiva do superior hierárquico	35
Capítulo 5 – Perspetiva do cliente.....	37
Capítulo 6 – O perfil dos coveiros	39
6.1 - O passado.....	39
6.2 - O presente.	40
6.3 – O desempenho profissional.....	40
Capítulo 7 – Formação.....	43
Capítulo 8 – Criação de Código de Ética.....	47
8.1 - Código de Ética	47
Capítulo 9 – Aplicação de ferramenta de avaliação de desempenho	49
9.1 - Avaliação de Desempenho	49
Capítulo 10 – O alcoolismo	51
Capítulo 11 – Os furtos	55
Capítulo 12 – A cremação.....	57
12.1 – O passado	57
12.2 – A cremação aos olhos da Igreja Católica.....	57

12.3 - Crematórios têm lista de espera.....	59
12.4 – Os preços.....	60
12.5 – Crematório do Porto triplicou atividade em sete anos	61
12.6 – Número de cremações no cemitério do Prado do Repouso	61
12.7 – Crematório de Matosinhos	62
12.8 - Número de cremações no Tanatório de Matosinhos	63
12.9 - O coveiro perante o novo paradigma da cremação.....	63
Capítulo 13 – Soluções	65
Conclusão.....	67
Referências.....	69
Glossário	73
Anexos	75
Anexo A – Troca de correspondência com a Câmara Municipal do Porto I.....	77
Anexo B – Troca de correspondência com a Câmara Municipal do Porto II.....	79
Anexo C – Pedidos de informações ao Instituto Nacional de Estatística	81
Anexo D – Dados do INE sobre a população e taxa de mortalidade.....	83
Anexo E – Análise de dados demográficos	85
Anexo F – Análise qualitativa dos dados.....	87
Anexo G – Folhetos sobre formação	91
Anexo H – Folheto estatístico dos Alcoolicos Anónimos	97
Anexo I – Direito canónico.....	99
Anexo J – Pedido de informação à C.M.P. sobre número de cremações	101
Anexo K – Número de cremações no cemitério do Prado do Repouso.....	105
Anexo L – Solicitação de entrevista à Ecogaya.....	107
Anexo M – Resposta da C.M.M. sobre o número de cremações.....	109
Anexo N – Modelo do Questionário.....	111

Prefácio

O Coveiro

Uma tarde de abril suave e pura

Visitava eu somente ao derradeiro

Lar; tinha ido ver a sepultura

De um ente caro, amigo verdadeiro.

Lá encontrei um pálido coveiro

Com a cabeça para o chão pendida;

Eu senti a minh'alma entristecida

E interroguei-o: "Eterno companheiro

Da morte, quem matou-te o coração?"

Ele apontou para uma cruz no chão,

Ali jazia o seu amor primeiro!

Depois, tomando a enxada, gravemente,

Balbuciou, sorrindo tristemente:

- "Ai, foi por isso que me fiz coveiro!" (Anjos, 1998)

Antunes e Freitas (2007), em entrevista para o Expresso Emprego, a Paulo Carreira, responsável da Servilusa, e Paulo Rodrigues, da Associação Nacional das Empresas Lutuosas (ANEL), recolheram insólitos depoimentos sobre os coveiros, descritos seguidamente:

Episódios rocambolescos durante os enterros, tais como sepulturas pouco fundas ou demasiado estreitas com necessidade de reajuste na hora, coveiros alcoolizados ou pouco sensíveis que 'ajeitam' o caixão na cova, empurrando-o com o pé, são apenas alguns exemplos citados por Paulo Carreira. "Ser coveiro não é um trabalho menor. Mas a verdade é que há muitos que não estão motivados, não foram sensibilizados ou até se sentem 'castigados' pela autarquia ao serem colocados naquela tarefa". (Antunes et al, 2007, par 4)

À falta de profissionalização alia-se ainda a pouca apetência por parte destes profissionais para a sua atualização de conhecimentos teóricos e práticos sobre as novas técnicas e práticas da sua profissão.

No que concerne ao perfil destes trabalhadores, Paulo Rodrigues refere ser necessário ter algumas qualidades: “qualquer pessoa pode trabalhar nesta atividade, mas nem todos aguentam e acabam por abandonar o setor. Este é um ramo muito específico e convém que o funcionário não interiorize demasiado aquilo em que trabalha”.

Zelenovic (2008), na sua investigação sobre estes profissionais, referia que “Sra. L., empregada de limpeza do cemitério há 20 anos, corrobora a ideia da habituação, acrescentando que, para os coveiros, fazer um enterro é uma coisa normal (...). A força do hábito, a própria experiência faz, normalmente, com que as pessoas prestem mais atenção e se concentrem no que já conhecem e entendem.” (p.72).

O desafio do presente estudo consistiu em basear, praticamente, toda a sua investigação numa exaustiva pesquisa realizada no terreno.

Dificuldades

Ainda corria o mês de junho de 2011 quando a minha decisão recaiu sobre o estudo aprofundado das características e comportamentos dos coveiros como parte integrante do universo organizacional dos recursos humanos. O Cemitério do Prado do Repouso, por ser o mais completo, embora público e gerido pela Câmara Municipal do Porto (CMP), possui secções privativas da Ordem do Terço e da Caridade e da Confraria do Santíssimo Sacramento de Sto. Ildefonso, bem como da Santa Casa da Misericórdia. Além das inumações, transladações e exumações, também se procedem a cremações e integra um quadro de pessoal que constitui uma amostra significativa.

A proposta de investigação foi aceite pelo orientador. Todavia, inúmeras questões dificultaram, consideravelmente, o presente trabalho de investigação. A primeira e inesperada dificuldade surgiu da Câmara Municipal do Porto (CMP), que vetou o pedido de visitas aos cemitérios de sua jurisdição (Anexo A). Dirigindo um pedido de colaboração ao departamento dos Recursos Humanos desta entidade, pressupondo uma receptividade e profissionalismo que não se verificou, não obtivemos, porém, qualquer resposta. (Anexo B).

Tendo o município do Porto dificultado o acesso ao Cemitério do Prado do Repouso, foram contactadas, posteriormente, Juntas de Freguesia, Ordens Religiosas e outras Câmaras, focando a investigação num estudo comparativo entre coveiros de vários cemitérios do distrito do Porto. Após sucessivos contactos, muitas recusas e até mesmo ausência de respostas, tendo constatado algumas reservas por parte dos abordados e recusas em colaborar na investigação, concluímos que o tema é ainda alvo de preconceito e tabu sociais. Constatámos ainda existirem situações que, por alguma razão, não podiam transparecer para a opinião pública. As sucessivas recusas e os receios manifestados, tanto por parte das entidades e organizações, como pelos próprios indivíduos que exercem a profissão de coveiro, para colaborarem na investigação, tornaram o presente estudo ainda mais aliciante do ponto de vista social.

As referências bibliográficas sobre a matéria em estudo são praticamente inexistentes. Não encontramos qualquer bibliografia sobre a profissão de coveiro, existindo somente livros pouco atuais sobre cemitérios, alguns até muito antigos. O presente trabalho de investigação teria de partir de uma análise exploratória.

Introdução

“A morte tem sido e continua a ser tabu na nossa cultura” (Coelho, 1991, p.7).

Um coveiro é um indivíduo que abre covas nos cemitérios e enterra os mortos, a vulgar designação por que são conhecidos estes profissionais. Todavia, eles desempenham muito mais funções, sendo-lhes atribuída a designação de “assistente operacional”, o que engloba muitas tarefas distintas.

A presente investigação tem como objetivo caracterizar aqueles que exercem a profissão de coveiro na verdadeira acepção da palavra, estudá-los enquanto profissionais, investigar as suas motivações, aprofundar as necessidades de formação profissional, avaliar os seus objetivos, observar as suas dificuldades e as diferenças existentes nos diversos locais de trabalho.

O interesse do atual projeto prende-se com o facto de persistirem ainda, na sociedade portuguesa, tabus e alguma relutância na abordagem de temas relacionados com a morte, pelo que concluímos ser o motivo pelo qual não são conhecidos e divulgados estudos sobre esta profissão.

Inclusivamente, o Instituto Nacional de Estatística (INE) não possui nenhum dos dados solicitados (Anexo C) relativamente a exumações e cremações, contabilizando apenas o número de mortos (Anexo D).

Pretendeu-se, com efeito, prestar um merecido reconhecimento social a estes profissionais, contribuindo com soluções e ações de melhoria para melhorar as suas condições de vida e de trabalho.

O trabalho de investigação teve início com uma pesquisa de bibliografia, com o intuito de melhor fundamentar, do ponto de vista cronológico e histórico, a caracterização e o perfil profissionais do Coveiro. Contudo, verificou-se, após exaustiva análise, que a bibliografia localizada é muito escassa, antiga e praticamente nenhuma obra inclui uma abordagem do coveiro enquanto profissional. Nas obras consultadas, fazem-se, essencialmente, referências aos cemitérios ou à morte e a alusão a estes profissionais é, de um modo geral, muito superficial e pejorativa. Todavia, a consulta bibliográfica revelou-se profícua para um importante enquadramento histórico sobre o surgimento dos cemitérios.

Seguidamente, partiu-se para o trabalho de investigação no terreno, iniciando a pesquisa pela recolha e seleção dos aspetos concretos relacionados com o perfil e caracterização dos coveiros. Entre eles destacamos os seguintes:

- Recolha de dados pessoais sobre estes profissionais: idade, género, habilitações literárias, estado civil;
- Recolha de dados sobre a profissão: salários, condições de trabalho, horários, formação, motivação e incentivos, apoios;
- Conhecimento sobre a realidade da profissão: funções, metodologias, sentimentos;
- Análise das diferenças entre os profissionais, de acordo com o local de trabalho (grandes urbes, outras cidades, vilas, aldeias);
- Análise das diferenças entre os profissionais, de acordo com a entidade para a qual prestam serviço (câmaras, juntas de freguesia, ordens religiosas, outras);

Recolheram-se, de seguida, depoimentos junto das hierarquias, famílias que visitavam os cemitérios, entidades que melhor os conheciam, de forma a obter opiniões valiosas para o presente trabalho, visto tratar-se de uma análise empírica e exploratória, no qual dificilmente se podem inserir dados científicos.

Após uma cuidada observação dos resultados, avançou-se para a análise conclusiva que permitiu desenhar o perfil do coveiro enquanto profissional e compreender as reclamações e as lacunas existentes, de forma a contribuir para a melhoria da sua condição social e profissional.

Com efeito, as conclusões deram origem à constituição de um Código de Ética, que poderá, futuramente, apoiar as chefias e os colaboradores a criarem um melhor entendimento nas suas organizações. O projeto de criação de um código de ética surgiu quando nos apercebemos que todos os cemitérios estão ligados a entidades, nomeadamente autarquias que, de acordo com o regime político, correm o risco de, sempre que ocorram eleições, sofrerem mudanças nas hierarquias. Assim sendo, existe um conjunto de normas de cumprimento previamente acordadas por ambas as partes, hierarquias e funcionários.

No desenvolvimento da investigação, partimos ainda do pressuposto que a Avaliação de Desempenho é, sem dúvida, uma ferramenta fundamental para colmatar muitas queixas e

reclamações apresentadas pelos coveiros.

Permite, através de uma avaliação contínua, a progressão na carreira, sendo promovidos, recebendo prémios de desempenho, aumentos de ordenados e, principalmente, desempenhando um valioso papel na motivação destes profissionais.

A formação profissional ministrada pela Servilusa, e da forma como se encontra atualmente estruturada, poderá desempenhar um importante contributo na melhoria do desempenho profissional (não basta saber abrir covas, desfazer cadáveres ou descobrir por onde passam correntes de ar que conservam os corpos). Existem numerosas outras tarefas e conhecimentos nesta atividade e todos os profissionais deveriam frequentar ações de formação profissionais e contínuas.

Um outro tema delicado e polémico, na sua essência, é a importância que o fenómeno do alcoolismo assume nesta categoria profissional, dada a elevada incidência de casos de alcoolemia. A generalidade das pessoas atribui este problema à pressão psicológica a que os coveiros estão sujeitos, persistindo sempre a tendência de encontrar uma justificação, ao invés de uma solução. No decorrer desta investigação, foi possível desmistificar o mito sobre a origem do alcoolismo nesta classe, concluindo-se que a prevalência de problemas de alcoolismo nesta classe profissional se deve a outros fatores que não a vertente emocional.

Finalmente, e embora os coveiros não exerçam este tipo de funções, considerou-se fundamental abordar o tema da cremação, pelo considerável crescimento desta prática, que se deve a vários motivos, como a falta de espaço nos cemitérios, problemas monetários e de falta de tempo por parte das famílias, por questões de salubridade e devido a uma Igreja Católica mais permissiva, o que pode, no futuro, vir a gerar mudanças significativas na função profissional do coveiro.

Como conclusão, foram apresentadas propostas e sugestões que poderiam melhorar as condições de vida e profissionais nesta atividade.

Embora vulgarmente sejam designados por Coveiros, o presente trabalho de investigação propõe a criação de uma carreira profissional e uma designação específica que lhes conceda o mérito profissional e valorização em termos de carreira.

Capítulo 1 – O nascimento dos cemitérios

Segundo Coelho (1991), “não é por se esconder ou ignorar a morte que ela deixará de acontecer”(p.7). São os vivos, e não os mortos, quem constrói os cemitérios, pelo que a organização deste espaço obedece ao mesmo critério aplicado no espaço onde vivemos. Como tal, as “cidades dos mortos” vão variando com o tempo, com a cultura e de grupo para grupo.

O verdadeiro triunfo da morte é o facto de esta não olhar a posições ou bens sociais – é uma condição a que ninguém pode fugir.

Desde o século XI, por influência de Cluny, foi imposto no calendário cristão o Dia dos Fiéis Defuntos. A Igreja era o lugar destinado ao enterramento, mas somente para os católicos. Acreditava-se na ressurreição dos corpos.

No reinado de D. João V, a higienização do espaço dedicado aos mortos assumiu maior importância. A partir de meados do século XVIII, os mais ilustrados contestavam que, os enterramentos se realizassem nas igrejas, por questões de higiene. Os corpos deveriam ser enterrados em redor das vilas ou cidades, em lugares altos e ventilados e cercados de muros altos para, assim, evitar a viciação do ar decorrente da putrefação dos corpos.

Com as revoluções liberais na Europa, também Portugal introduziu, a partir do século XIX, uma nova atitude relativamente ao conceito de enterramento. Esta mudança de mentalidade fez com que se criassem novos espaços – as necrópoles. Com o novo conceito de espaço de enterramento, começaram a edificar-se os cemitérios, perpetuando as características que se verificavam em vida: situação económica, estatuto social, cultural, posições ideológicas e características psicológicas.

Em 1835, o médico Francisco d’Assis de Sousa Vaz, com base em fundamentos sanitários, apelou à criação de novos cemitérios, onde se pudesse invocar a memória dos mortos, de acordo com uma sociedade livre. Havia sido então publicados os Decretos de 21 de setembro e 8 de outubro de 1835, assinados por Rodrigo Fonseca de Magalhães, e que em baixo se mencionam:

1º Que em todas as povoações fossem estabelecidos cemitérios públicos para neles se enterrarem os mortos;

2º Os terrenos a isso destinados deveriam ter uma extensão suficiente a fim de que as sepulturas pudessem ser abertas de cinco em cinco anos;

3º Os cemitérios deveriam situar-se fora dos limites das povoações e ter uma exposição conveniente para a salubridade;

4º Deveriam estar resguardados por um muro de não menos de 10 palmos de altura;

5º Cada corpo seria enterrado em cova separada, a qual teria pelo menos cinco palmos de profundidade e à distância de palmo e meio das outras covas.

Também a administração e inspeção dos cemitérios passaram a pertencer às autoridades políticas e o direito a uma campa individual evitava o enterramento anónimo.

Todavia, nem todo este processo de mudança foi pacífico. Ocorreram vários movimentos de revolta, pois a extinção de sepulturas dentro e junto das igrejas era visto, por alguns setores mais conservadores do clero e catolicismo popular, como uma profanação que iria impedir a ressurreição dos mortos. As mulheres assumiram um papel preponderante nestas revoltas inspiradas em Maria da Fonte (1846). No início do século XX, ainda eram excluídos do ritual funerário os não católicos, os suicidas, os pecadores manifestos e os recém-nascidos não batizados. A cremação não era aceite. Desde 1868 que estes mortos eram separados dos outros, por um muro e uma entrada independente.

Dias (1963), na sua obra, refere a obrigatoriedade da construção dos cemitérios públicos em 1835, iniciando-se uma nova era na história das sepulturas. Narra o autor, na página 81, que Pina Manique, invocando razões de ordem sanitária, no início do século XIX, proibiu os enterramentos dentro de qualquer edifício e tornou obrigatória a criação de cemitérios. Pina Manique é o pioneiro dos cemitérios públicos em Portugal.

Citando Coelho (1991), com a nova constituição, através do Decreto datado de 20 de abril de 1911, ficou legitimado que o cemitério ficaria livre de todos esses cultos religiosos, desde que não ofendessem a moral, a lei e os princípios. Foi neste enquadramento que surgiu a necessidade de uma nova categoria profissional – o Coveiro.

Capítulo 2 – Análise de resultados demográficos

Foram entrevistados, através de um questionário de perguntas fechadas para análise de dados demográficos que pode ser consultado no Anexo E, uma amostra de trinta e um coveiros, distribuídos por onze cemitérios, todos do distrito do Porto, tendo-se chegado às conclusões apresentadas.

A média de idades é de cinquenta anos, sendo que o mais novo tem trinta e dois anos e o mais velho sessenta e sete anos. Os homens predominam nesta profissão, tendo-se apenas encontrado um elemento do sexo feminino, que, encontrando-se em final de carreira e aguardando a reforma, não se mostrou recetiva à entrevista.

Relativamente às habilitações literárias dos inquiridos, constatou-se que apenas quatro concluíram o 12º Ano, sete o 9º ano, quatro concluíram o 6º ano, sendo que a maioria (quinze indivíduos) somente tem o 3º e 4º anos de escolaridade, revelando, assim, um baixo nível de escolaridade nesta categoria profissional.

Analisando o seu estado civil, o facto de vinte e quatro dos inquiridos serem casados e um permanecer viúvo, revela uma forte ligação à instituição familiar. Do grupo dos quatro solteiros e dois divorciados, quatro são funcionários de uma Câmara Municipal.

Relativamente ao local de trabalho, doze trabalham na cidade do Porto, quatro em vilas, um numa aldeia e catorze em cidades na zona do Grande Porto. Neste ponto, há que salientar uma particularidade relativamente à investigação realizada em aldeias, que funcionam de forma distinta, dado o número de mortes ser menor, por menor ser o número de habitantes. Assim sendo, foi entrevistado um coveiro, que presta assistência a quatro aldeias vizinhas, e que não se encontrava vinculado a nenhuma entidade, mantendo outro trabalho em paralelo. Quando ocorre um óbito ou surge um serviço relacionado com os cemitérios, este é contactado pela Junta de Freguesia e é pago por serviço ou, conforme palavras suas, “pago à peça”. O estudo abrangeu vinte e um coveiros de Juntas de Freguesia, três de uma Ordem Religiosa e sete de uma Câmara Municipal.

Em relação à antiguidade no desempenho da profissão de coveiro, o funcionário mais antigo trabalha no cemitério desde 1977 e o mais recente chegou em 2011. Por conseguinte, existem:

- Da década de 70 – três;
- Da década de 80 – oito;
- Da década de 90 – três;
- Da década de 2000 – nove;
- Nos anos de 2010 e 2011 – sete.

Um elemento não respondeu.

Relativamente aos salários, embora dois elementos não tivessem respondido, as remunerações rondam o valor médio dos € 600, sendo o mais baixo de € 485 e o mais alto de € 800. Todavia, o nível salarial não está relacionado com o local onde estão inseridos, mas claramente com o tempo de serviço.

O horário de trabalho semanal é de sete horas por dia de 2^a a 6^a feira. Existem, porém, situações em que alguns coveiros são obrigados a trabalhar horas extraordinárias aos fins de semana e feriados em que são marcadas inumações. Estas situações estão abrangidas por pagamento de horas extra ou serviço por turnos. Os que não se encontram contemplados por estas duas situações é porque não foram destacados, uma vez que as autarquias são rigorosas em questões legais. Deste modo, catorze confirmaram receber horas extraordinárias, contra dezasseis que dizem não receber e um que não respondeu.

No que diz respeito ao trabalho por turnos, dois confirmaram colaborar nesta prática, enquanto vinte e sete afirmaram não o fazer e dois não responderam à questão.

Relativamente à progressão de carreira, dezanove indivíduos responderam terem progredido de carreira, contra dez que nunca progrediram e dois que não responderam.

Sendo os Sindicatos os representantes de categorias profissionais, tendo como objetivos a união dos determinados sectores a si adstritos e a defesa desses mesmos profissionais nas questões de ordem laboral, não era expectável dezanove elementos da amostra serem sindicalizados, uma vez que não têm categoria profissional que os caracterize e também porque entre os inquiridos não foram notados casos de personalidades reivindicativas.

Apenas cinco coveiros receberam formação, contra vinte e quatro que nunca frequentaram nenhuma ação de formação. Dois não quiseram responder.

A formação é da responsabilidade das entidades que gerem os cemitérios, que a podem solicitar, e aqui nota-se que apenas uma minoria recebeu formação. Desconhece-se, porém, se este desinteresse poderá ter sido manifestado pelos coveiros à entidade patronal.

Confrontados com uma questão delicada, a do uso de fardas e equipamento de proteção (luvas, máscaras), a resposta foi unânime, com vinte e nove indivíduos a responderem positivamente. Esta última resposta, posteriormente, confirmou-se no terreno tratar-se de uma mera operação de cosmética, porque, na realidade, salvo algumas exceções, todos estes acessórios ficavam guardados, porque incomodam na execução das tarefas.

Capítulo 3 – Análise qualitativa de resultados

Após a análise das perguntas abertas, que podem ser consultadas no Anexo F, chegaram-se a conclusões que nos permitem conhecer melhor o que sentem os coveiros, enquanto recursos humanos.

Quanto às funções executadas no desempenho da sua atividade profissional, elas são genericamente as seguintes:

- Abrir as covas para sepultar;
- Retirar os corpos das covas ou jazigos para execução de outros procedimentos;
- Inumações;
- Transladações
- Exumações;
- Serviços de Construção Civil;
- Limpezas (arruamentos, jazigos, campas, sanitários);
- Jardinagem;
- Recolha e tratamento de lixos;
- Prestação de informações;
- Manutenção em geral.

Tal não significa que todos tenham a seu cargo as mesmas tarefas, ou seja, elas são distribuídas pelos elementos do cemitério, existindo apenas a obrigatoriedade de todos terem os mesmos conhecimentos, de forma a poderem assumir funções polivalentes, quando necessário.

A tarefa de porteiro, em cemitérios maiores, é sempre atribuída a um ex-coveiro que, por ter sido vítima de algum problema de saúde, o impediu de exercer funções mais pesadas, e se mantém em funções no cemitério, até pelos conhecimentos que possui, dada a sua antiguidade e experiência profissionais.

Abordando as condições de trabalho desta categoria profissional em estudo, verificou-se que os métodos no exercício de funções são, nos cemitérios analisados no presente estudo, sempre manuais. A falta de máquinas, nomeadamente as que servem para abrir covas, deve-se ao

facto do espaço existente na maioria dos cemitérios ser muito exíguo para permitir a sua circulação. Verificou-se somente uma exceção em que existiam três elementos mecânicos: um “dumper”, um ascensor e um pulverizador. Assim sendo, os objetos utilizados para a execução do seu trabalho são, segundo a sua terminologia, os seguintes:

- Pás;
- Picaretas;
- Enxadas;
- Sacholas;
- Alvião;
- Vassouras;
- Apanhadores;
- Tesouras de poda;
- Contentores do Lixo.

De salientar que existem designações distintas para os mesmos utensílios. O facto de trabalharem com utensílios manuais é uma das maiores queixas destes profissionais.

Quando questionados sobre o sentimento que experimentaram no início da sua atividade, a maioria (17 elementos) confessou ter sentido ansiedade, e um deles manifestou ter tido receio. Entre todos os inquiridos, seis manifestaram a sensação de indiferença e quatro afirmaram que gostaram logo de desempenhar as tarefas que assumiram. Três dos entrevistados não responderam.

Comparativamente com os sentimentos manifestados atualmente, após o impacto inicial de lidar com situações diárias relacionadas com a morte e o luto, já tudo mudou.

A grande maioria, vinte e um coveiros, sente indiferença, somente seis gostam, inclusivamente do que fazem, embora, e sem grande significado porém, um manifestou revolta e outro receio. Dois não responderam. Houve um desabafo mais explanado por parte de um profissional, afirmando que embora encare o seu trabalho de forma rotineira, quando se trata de inumar alguém que ele conheça, não consegue sentir-se indiferente. Todos eles são unânimes em referir que o que mais os perturba em termos emocionais é realizar o funeral dos “anjinhos”, querendo referir-se às crianças.

Relativamente ao preconceito social que poderão sentir por assumirem a profissão de coveiros, perante a família, amigos e conhecidos, alguns referiram que:

- O que interessa é estar empregado;
- É um emprego como outro qualquer;
- Não gostam de levar os problemas e acontecimentos para casa;
- Merecem respeito.

Após análise concreta das respostas, quinze dos inquiridos manifestaram não se importar de dizer que são coveiros, treze dizem-no com orgulho e apenas um esconde a sua profissão. Dois não responderam.

Quanto às posturas adotadas perante as famílias dos defuntos, praticamente todos os inquiridos manifestaram assumir as seguintes posturas e atitudes:

- Respeito;
- Dignidade;
- Prestam informações;
- Disponibilizam-se para o que for necessário;
- Gostam de estar bem apresentados;
- Abstraem-se dos sentimentos;
- Profissionalismo;
- Compreensão;
- Pesar;
- Apoio moral e psicológico;
- Dar coragem;
- Permanecer em silêncio ou dar uma palavra amiga, conforme as circunstâncias.

Um dos coveiros contemplados no estudo manifestou que, defronte das famílias, sentia grande dificuldade de ordem psicológica, quando começa a tapar a cova com terra.

Questionados sobre as tarefas que mais gostam de desempenhar e as que menos gostam, verificou-se muita hesitação por parte dos inquiridos. Seis abstiveram-se de responder e doze afirmaram gostar de tudo em geral, ou seja, não se importam de executar qualquer tarefa.

Entre as tarefas que mais gostam de fazer, as inumações situam-se em primeiro lugar, seguidas da manutenção.

Quanto ao que menos apreciam, a exumação é, sem dúvida, a atividade profissional que mais os incomoda, seguida de qualquer outro trabalho que envolva o enterro de crianças. Também o Inverno e as condições climatéricas, como a chuva, foram referidos como um contratempo à sua atividade profissional, uma vez que alteram o estado do solo.

Confrontados com as condições de trabalho na sua profissão e, de acordo com as suas opiniões, todos reclamam que:

- O serviço é complicado e pouca gente o quer fazer;
- Os coveiros são vistos como homens sem caráter e categoria;
- Gostavam de ter uma relação mais próxima com os seus superiores;
- Deviam receber um Subsídio de Risco.

Mas, finalmente, acabaram por transmitir as suas opiniões sobre a melhoria das condições de trabalho:

- Melhores Salários;
- Máquinas;
- Mais higiene;
- Formação;
- Respeito;
- Não trabalhar aos fins de semana e feriados;

Nesta análise, todos os inquiridos foram unânimes em responder do mesmo modo às questões elaboradas, tendo-se concluído que, muito embora os trinta e um coveiros inquiridos pertençam a cemitérios de diferentes realidades, todos defendem iguais melhorias das condições de trabalho, preocupando-se em manifestar coerência e boa relação entre colegas da mesma categoria profissional.

Em suma, todos os inquiridos do presente estudo de investigação no âmbito de Recursos Humanos reclamam remunerações mais justas, de acordo com o trabalho desempenhado,

melhores condições de trabalho, como manuseamento de máquinas, mais higiene, mais respeito e reconhecimento pela sua atividade profissional e, por fim, uma mais justa distribuição do horário de trabalho, sobretudo das tarefas que desempenham aos fins de semana e feriados.

Capítulo 4 – Perspetiva do superior hierárquico

O presente capítulo apresenta a transcrição e análise cuidada a uma entrevista efetuada a Fonseca (2011), o responsável por dois cemitérios que foram objeto deste estudo, tendo-se perspectivado o profissional coveiro sob a visão de quem supervisiona a sua atividade.

Importa ressaltar que todas as transcrições apresentadas neste capítulo da referida entrevista são baseadas na sua opinião pessoal, e no conhecimento que tem dos seus colaboradores.

Segundo o responsável, todos são possuidores de um humor mórbido muito próprio, que praticamente só eles entendem. Apesar de ser um trabalho que envolve um considerável desgaste físico, muito raramente se verifica uma “baixa”.

Uma das questões mais criticadas pela chefia é o facto de se ausentarem amiúde para o café, todos ao mesmo tempo, deixando o cemitério ao abandono. Sendo permanentemente alertados para evitar esta situação, todos se desculpam, culpando-se uns aos outros. A questão das ausências está intimamente ligada ao consumo de álcool, um problema que afeta estes profissionais e que a chefia tenta combater e controlar, fazendo-lhes medições de taxa de alcoolemia com aparelhos próprios para o efeito. Pela convivência e o conhecimento que adquiriu em relação a esta categoria profissional, atribui o problema do alcoolismo a algum tempo livre que vão tendo durante o dia e a gratificações monetárias por parte das famílias dos defuntos. Estas gratificações são também por ele contestadas, por corresponderem, na maioria das vezes, à obtenção de favores por parte das famílias, dos fornecedores, das funerárias.

O entrevistado alertou ainda para o facto de todos os cemitérios, excetuando os das Ordens Religiosas, estarem sob a alçada de entidades estatais (Juntas de Freguesia ou Câmaras Municipais) e do poder local alterar em função dos resultados das eleições autárquicas. Em cada mandato, pode alterar-se também o mandatário. Desta forma e por sua sugestão, à semelhança das Normas Cemiteriais que já existem em todos os cemitérios, (Fonseca, 2011) defende a criação de um Manual de Procedimentos para os Coveiros, com o intuito de normalizar os procedimentos, facilitando, não só o desempenho das chefias, como o dos seus colaboradores.

Aquando da visita ao Tanatório de Matosinhos, acompanhada da Arquiteta autora do projeto, constatou-se que é grande conhecedora dos meandros deste universo cemiterial. Em entrevista com Valente (2012), e porque a arquiteta já conheceu vários coveiros de diversos cemitérios, esta foi confidenciando algumas questões, de certa forma, polémicas. Existem negócios paralelos que não são perceptíveis de imediato, dos quais se tomou consciência com o decorrer do projeto. Neste contexto, existem acordos tácitos com marmoristas (que querem a cova com o maior vão possível), com construtores de urnas (que, mesmo sabendo que uma urna para cremação deve ser feita num material facilmente destrutível, insistem em ornamentá-la com elementos resistentes ao fogo), com fornecedores de velas (que compram os restos de cera, que alguém anda a recolher, para fabricarem novas velas), com floristas (que incentivam a compra, deitando ao lixo algumas flores), e com funerárias. Até as próprias famílias dos defuntos são capazes de negociar este ou aquele serviço (obras em jazigos, limpezas de campas), para fugir ao pagamento de taxas municipais, preferindo transferir esses valores para os coveiros. No decorrer da investigação, todos os inquiridos foram unânimes em confirmar estes acordos tácitos entre os coveiros e vários fornecedores, negócios que suscitam alguma polémica, muito embora sejam aqui considerados somente com vista à melhoria das condições de vida e de trabalho desta categoria profissional e da criação de um código de ética.

Capítulo 5 – Perspetiva do Cliente

Para melhor fundamentar esta dissertação, foi crucial recolher também as opiniões das famílias dos defuntos, que regularmente vagueiam pelo cemitério, quer em visita aos seus entes queridos, quer para cuidar das sepulturas.

Seguidamente, seleccionou-se uma amostra de dez pessoas que acederam ao pedido, não de forma aleatória, mas tendo como critérios a Idade e o Sexo, em três dos cemitérios com características diferentes e já analisados, tendo sido escolhido um dia de feriado, em que os coveiros estivessem ausentes. Pretendeu-se tentar recolher informações divergentes, o que não aconteceu.

Relativamente à simpatia e disponibilidade dos coveiros, as opiniões foram coincidentes: eram prestáveis e sempre colaborantes com as famílias.

Quanto à sua presença dentro do cemitério, também aqui as informações eram concordantes e convictas: estava sempre alguém no cemitério.

No que diz respeito às gorjetas, todos eles, alguns inicialmente mais hesitantes, acabaram por confessar que “lhes davam alguma coisinha, para tomarem um café”, até porque “eles eram tão prestáveis e simpáticos” e “consertavam o que se ia estragando”, salvaguardando sempre que “eles nunca pedem nada, nós damos porque queremos”.

Questionados sobre os efeitos visíveis de alcoolismo, os inquiridos tornavam-se mais esquivos nas respostas e foi, precisamente, neste ponto que se encontraram contradições: uns diziam que nunca se aperceberam, nem viram nada e outros confirmavam que, algumas vezes, se iam apercebendo pelo hálito ou algum comportamento menos normal.

Em suma, poderá concluir-se que os coveiros são, de um modo geral, protegidos e recompensados pelas famílias dos defuntos, como forma de os compensar de pequenos ‘serviços’ prestados sem autorização da entidade patronal, facto que se pode constatar por alguma resistência por parte dos inquiridos a fornecer informações cruciais para o presente estudo.

Capítulo 6 – O perfil dos Coveiros

6.1 - O passado.

À luz de literatura da época, a atividade profissional de coveiro não foi mais bem reconhecida durante o século XIX. As notícias da época davam conta da falta de condições de alguns cemitérios, permanentemente em obras de manutenção, noticiando ainda que os coveiros eram “motivo de grande embaraço” para a autarquia.

Considere-se o retrato social do coveiro naquela época, designado por “guarda do cemitério” e que trabalhava no cemitério urbano situado na cidade de Leiria:

O coveiro e guarda do Cemitério de Leiria, segundo rezam as chronicas, não é homem que se preocupe muito com as coisas d'esta vida. Elle sabe bem que morrendo... era uma vez um homem, por tanto – toca a divertir, que este mundo são dois dias. No bello tempo de Verão (que o Senhor houvera de mandar) é muito mais agradável dar um passeio do que estar ali no cemitério ao pé dos defunctos. Então o homem vae por esses campos admirando as bellezas da natura, como dirá se fôr poeta. Ouve cantar o rouxinol e acha muito melhor do que estar a ouvir o maldito do mocho em cima do cypreste; aspira a fragância da madresilva – e que differença faz do cheiro que, por falta de cuidado, se exhala principalmente em alguns sitios do cemitério! Aquillo sim... a vida por outra fórma não vale dois caracões. Mas... (há sempre um mas que nos contrarie) quando alguém quer ir ao cemitério, ou encontra o portão fechado ou vê a mulher a abrir uma sepultura, o que aconteceu ainda há pouco tempo, tendo o cadáver de esperar que a cova estivesse feita para o receber, ou então – e isto é o mais grave – depara com sepulturas reservadas onde a família saudosa do que ali jaz, depôz cuidadosamente algumas flores, despidas d'esse adorno piedoso que alguém brutalmente roubou, às vezes arrancadas as plantas que tanto cuidado fizeram nascer. Este último facto, aconteceu um destes dias.

O guarda é pago pela Câmara para exercer vigilância rigorosa no cemitério. Em outros cemitérios, os guardas não consentem que se tirem flores. Quem as vae colher às sepulturas reservadas, apodera-se do alheio; quem nas mesmas sepulturas inutilisa as plantas comete um vandalismo. Para obstar a tudo isto há um guarda. No entanto, perguntamos à Câmara: para que serve o guarda do nosso cemitério? (Portela & Queiroz, 2002, pp 28-29)

Em suma, o coveiro é descrito, nas referências bibliográficas consultadas, como um profissional de um elevado absentismo e irresponsabilidade pelo incumprimento de horários e de algumas das suas tarefas, problemas que ainda persistem na atualidade, aos quais se junta o alcoolismo, embora hoje em menor escala, relativamente ao passado.

6.2 - O presente.

Ao longo de dois séculos, diversas mudanças foram ocorrendo, relativamente ao desempenho destes profissionais. Zelenovic (2008), referindo-se às atitudes e reações emocionais dos coveiros, comprova existir “uma ideia generalizada de que os primeiros funerais realizados foram mais penosos, tendo-se depois instaurado um período de adaptação e recalçamento das emoções.” (p.65).

Após cuidada investigação, desenvolvida com base em entrevistas e inquéritos citados anteriormente, os resultados permitem-nos chegar a algumas conclusões em relação ao retrato social dos coveiros, aos seus comportamentos e reações emocionais.

6.3 – O desempenho profissional: caraterização das tarefas, perfil psicológico e hábitos adquiridos

Chegam cedo e cedo partem. Nem todos os dias morre alguém que irá ocupar um espaço naquele cemitério, sendo a altura da “queda da folha” a mais movimentada. Assim sendo, o tempo terá de ser preenchido com outras tarefas: a abertura de covas, construções e reparações de campas e jazigos, jardinagem e limpezas, em suma, toda a manutenção do cemitério. Contudo, existem alguns serviços que, aparentemente, exigem muita coragem (ou não), sendo elas as trasladações e exumações: desfazer um cadáver e transformá-lo num amontoado de ossos é, para eles, tão banal como qualquer outra função.

O trabalho é pesado mas repartido, o que o torna menos árduo. Não sentem qualquer pressão e têm sempre um tempinho para se juntarem no café mais próximo, partilhando conversas com um humor quase em código, que só eles entendem. O álcool não funciona como regulador emocional, como vulgarmente se pensa: é, sim, fruto de algum tempo livre e dinheiro extra, hábitos que se vão criando. Possuem baixas qualificações académicas e profissionais e a maioria ingressou nesta carreira profissional por herança ou por oportunidade. É um mundo predominantemente masculino.

Na sua maioria, rondam a meia-idade e são casados, pelo que se constata ser a família o seu “porto de abrigo”.

Na generalidade, não manifestam insatisfação nem aceitam trocar a sua profissão por outra que lhes seja proposta. Mesmo que sofram de alguma doença que não lhes permita executar trabalhos pesados, a maioria permanece em atividade no cemitério, normalmente, como porteiros. Na generalidade, assumem o que fazem, embora alguns ainda escondam da família e dos amigos, por preconceito social.

O ordenado é baixo mas quase sempre acrescido de pagamento de horas extras (geralmente, realizam-se funerais ao fim de semana) e das “gentilezas” que as famílias dos defuntos insistem em manter, quer no dia da cerimónia, quer em todos os outros dias para a manutenção.

Desconfiados numa primeira abordagem, de um modo geral, indivíduos muito reservados, habituados que estão a passar tantas horas e desempenhar tarefas sozinhos, quando se familiarizam com os visitantes que os interpelam, tornam-se abertos e, por vezes, até muito conversadores e exímios contadores de histórias.

Muito embora a maioria dos coveiros aparente um aspeto rude, o que - pelo que constatámos ao longo da pesquisa - esconde o seu lado emocional, são cordiais e educados com todos os que visitam o seu espaço de trabalho. Confessam, contudo, embora de forma envergonhada, que são os casos de morte das crianças, a quem designam por “anjinhos”, o que mais os transtorna emocionalmente.

Capítulo 7 - Formação

Coimbra, 20 de Novembro de 1971

Já tremo, quando o vejo entrar. Fala, fala, fala, e, no fim do solilóquio, que nenhum enfado monossilábico, consegue esmorecer, fico sempre com a impressão de que perdi o meu rico tempo a ouvir pela milésima vez um disco arranhado. As pessoas, aqui, aprendem uma lição qualquer, a do catecismo, a do marxismo, a do fascismo, a do existencialismo, e a mais recente do estruturalismo, e repetem-na incansavelmente enquanto o fôlego as não abandona. E os próprios juízos que formulam – religiosos, políticos, filosóficos, literários ou outros – não passam de confrontos. Tudo o que confirma a lição, está certo; tudo o que a contraria, errado. Às vezes acontece soar na monotonia do cantochão, que de tão familiar, sabemos de cor, uma voz que parece vestida de lavado. Olá! E arrebitamos a orelha. Mas foi rebate falso, mera alucinação auditiva. (Torga, 1991, pp 147-148)

O singular extrato literário de Miguel Torga, é representativo, de um modo geral, do formalismo “monossilábico” com que durante muito tempo foram ministradas as ‘lições’ e a educação académica, concretamente, durante o século XIX e início do século XX.

A partir da segunda metade do século XX, a formação começou a ser contextualizada no perfil profissional e alterou-se significativamente, tornando-se mais informal e mais abrangente. Assim sendo, foram criados cursos de Formação Profissional que permitissem melhorar o desempenho dos coveiros. Os coveiros do cemitério de Elvas, foram os primeiros do País a receberem formação profissional, com recurso a aulas práticas e teóricas. O projeto inscreveu-se nas diversas valências disponibilizadas pelo complexo funerário da cidade alentejana, tendo, posteriormente, uma abrangência nacional, com a criação da Escola de Operadores Cemiteriais, que disponibilizou ainda um curso de especialização em cremações. A Servilusa foi a empresa a quem foi concessionada a gestão do complexo funerário elvense, o primeiro do género no País. Assumindo como missão aperfeiçoar o perfil e desempenho profissionais destes indivíduos, a Servilusa, desde sempre, desenvolveu a sua formação profissional específica, com o intuito de proporcionar mais profissionalismo aos serviços funerários, tentando pôr fim às “posturas erradas” e pouco profissionais dos coveiros. São exemplos dessa postura desadequada comportamentos errados, tais como: “falar ao telemóvel, fumar ou não estar devidamente fardado por ocasião de um funeral.”

“Pretendemos implementar um serviço mais humanista”, justifica Carreira (2011), representante da Servilusa, grupo empresarial líder no sector. O Complexo Funerário de Elvas é, atualmente, o primeiro projeto de gestão privada, com um considerável investimento na qualidade profissional dos técnicos.

No que concerne à formação profissional ministrada por este grupo económico, que constitui, sem dúvida, uma referência de qualidade no âmbito da atividade profissional em estudo, os cursos de qualificação profissional têm uma duração prevista de três semanas para os profissionais que irão realizar somente funerais e de um mês para os profissionais que pretendam concluir uma especialização em cremações. Segundo Carreira (2011), a especialização em cremações é uma área de carência em Portugal ao nível da oferta profissional, referindo que existem apenas cinco técnicos com formação para reparação e manutenção de fornos crematórios, sendo frequente recorrer a técnicos estrangeiros para procederem à sua manutenção, o que chega a demorar uma semana.

Em ambos os níveis de formação profissional (inicial e especialização), as simulações e formação prática no posto de trabalho complementam a formação teórica, no Centro Funerário de Elvas, tendo os cursos capacidade para receber até vinte pessoas.

Segundo Sebastião (2011), Gestor de Recursos Humanos da Servilusa, em entrevista exclusiva para a consolidação do presente trabalho de investigação, as ações de formação são ministradas através da Associação Portuguesa dos Profissionais do Setor Funerário (APPSF), do Grupo Servilusa. A APPSF é acreditada pela Direcção-Geral do Emprego e das Relações de Trabalho (DGERT) desde 2007 e ministra formação profissional qualificada e certificada ao quadro de pessoal da Servilusa (número médio de trezentos e vinte colaboradores com formação em 2011). Anualmente, é desenvolvido pelo departamento de Recursos Humanos um Plano de Formação que contempla o desenvolvimento de catorze competências profissionais, e que são definidas de acordo com o perfil funcional diagnosticado em cada colaborador. A APPSF elabora ainda planos de formação para o setor público, no que concerne a cemitérios municipais, e integra na formação os operadores de serviço cemiterial, designados em categoria profissional de “Assistentes Operacionais”, chefes de serviço, técnicos de Segurança e Higiene do Trabalho (SHT) e assistentes administrativos.

Dentro do âmbito da sua oferta formativa, a APPSF já ministrou formação nas áreas:

1. Liderança;
2. Gestão de Conflitos;
3. Gestão do Stress;
4. Movimentação manual de cargas;
5. Noções básicas de primeiros socorros;
6. Lidar com situações delicadas, como o Luto (inovação nesta área específica).

Dentro do plano formativo a operadores de serviço cemiterial, a APPSF dispõe de um ciclo formativo com a duração de vinte horas que se denomina Operador Cemiterial. Tendo uma forte componente teórico-prática, o curso de formação permite dotar os formandos de competências ao nível do saber-saber, saber-fazer e saber-ser no que concerne às seguintes áreas e numa dinâmica integrativa:

a) Da atividade operacional:

1. Operador de Serviços Cemiteriais (conteúdos funcionais e descrição das principais atividades);
2. Riscos laborais decorrentes da atividade profissional (nomeadamente identificação de riscos laborais no Cemitério, onde prestam funções, e identificação de meios para eliminar ou reduzir a sua ocorrência);
3. Especificações técnicas em termos de ferramentas úteis no cemitério (máquinas, ferramentas, utensílios e equipamentos de proteção individual).

b) Da postura comportamental e atitudes:

1. Técnicas de atendimento aos utentes no cemitério (saudação e acolhimento, fornecimento de informação e/ou reencaminhamento);
2. Técnicas de comunicação no funeral (importância e treino da comunicação não verbal);

3. Postura a assumir no cemitério e perante o utente (coordenação, movimentação manual de cargas e comunicação interpessoal);
4. Higiene e apresentação pessoal;
5. Cumprimento do regulamento cemiterial.

c) Da avaliação psicológica:

1. Competências pessoais a desenvolver no âmbito do relacionamento em grupo e em prol da satisfação do utente (autoestima, assertividade, comunicação, cooperação, resiliência, criatividade, outros);
2. Gestão e manutenção do stress;
3. Gestão e resolução de conflitos;
4. Prevenção psicológica / lidar com situações difíceis (luto).

d) Fomentar a participação e construção de dinâmicas pedagógicas de grupo, que conciliem a experiência ‘in loco’ com a aprendizagem adquirida.

Este curso foi ministrado a mais de trezentos profissionais, muitos dos quais, colaboradores de diversas autarquias. A Escola dos Profissionais do Setor Funerário foi criada em 2008 com o intuito de dar resposta à formação teórica, uma vez que se localiza perto do Cemitério de Elvas, que permite ministrar a formação prática. Apesar dos primeiros ciclos formativos terem decorrido na EPSF (Escola dos Profissionais do Setor Funerário), a APPSF realizou outros ciclos a convite das autarquias noutras locais do País. Até 2011, já tinham ministrado VII ciclos de formação na área acima referenciada, acrescentando ainda ao VII Ciclo a formação “Técnico de Cremação” dada em exclusivo aos operadores especializados de forno crematório. Relativamente à formação, podem ser consultados os folhetos informativos da APPSF, no Anexo G.

Capítulo 8 – Criação de Código de Ética

Tendo-se concluído existir a necessidade de criar normas de conduta, de forma a uniformizar-se procedimentos, na sequência da alteração de chefias, criou-se um Código de Ética.

8.1 - Código de Ética

Preâmbulo

Este Código foi desenvolvido com o intuito de consolidar as relações profissionais de confiança entre os colaboradores, superiores hierárquicos, fornecedores, autoridades reguladoras ou de supervisão, agentes funerários, visitantes dos cemitérios e comunidade em geral. Pretende-se, acima de tudo, clarificar junto de todos os coveiros as regras de conduta que os mesmos devem seguir escrupulosamente na sua postura e ética profissionais e nas relações com os outros. Visa ainda cimentar uma vivência e partilha de valores comuns entre toda a classe. Os valores constantes neste Código devem ser sentidos e assumidos por todos os coveiros como princípios e regras, que devem ser implementadas na profissão.

Apresentaremos, de seguida, as vinte regras do Código de Conduta desenvolvido no âmbito da presente investigação. São as seguintes:

1. Cumprir as funções que lhe são destinadas: inumação, exumação, transladação, cremação (sendo caso disso), manutenção.
2. Assegurar a proteção e conservação de todo o património físico a que se encontram adstritos.
3. Certificar-se que todo o material necessário à execução das suas funções se encontra em bom estado de conservação e em quantidade, não devendo estes ser utilizados para uso pessoal.
4. Ter o máximo cuidado no manuseamento de utensílios e máquinas.
5. Utilizar sempre, luvas e máscaras na execução dos serviços, assegurando o cumprimento das normas de segurança, higiene e bem-estar no local de trabalho.
6. Usar a farda, por forma a serem facilmente identificados por quem os procura.
7. Encaminhar corretamente os resíduos, de forma a contribuir para um desenvolvimento sustentável (separar o lixo).

8. Procurar o aperfeiçoamento e atualização dos seus conhecimentos, tendo em vista a melhoria das suas capacidades profissionais e prestação de melhores serviços aos clientes.
9. Evidenciar uma postura profissional, respeito, honestidade, boa-fé e cortesia no trato com as famílias dos defuntos, atuando de forma a prestar-lhes um atendimento e apoio eficientes, facultando-lhes as informações necessárias.
10. Ser discreto nos atos e palavras e manter uma postura reservada, na presença de estranhos.
11. Assumir um comportamento prestável e educado no atendimento aos clientes.
12. Manifestar disponibilidade para ajudar as famílias que habitualmente frequentam o cemitério para visitar ou tratar dos espaços onde se encontrem os seus entes que partiram.
13. Não beber álcool durante o horário de trabalho e não iniciar o trabalho alcoolizado.
14. Não fumar dentro do cemitério, nas áreas públicas.
15. Cumprir todas as regras de boa educação relativamente ao uso do telemóvel durante a hora de serviço, mantendo-o em silêncio no decorrer de atos fúnebres.
16. Nunca deixar o cemitério abandonado – caso necessite sair por algum motivo, pedir a algum colega (pelo menos um) que se mantenha dentro do cemitério.
17. Ser resiliente.
18. Não aceitar ou recorrer a ofertas, pagamentos ou outros favores de clientes e fornecedores. Estas ofertas só podem ser admitidas caso não sejam entendidas como obtenção de vantagens e devem ser sempre comunicadas ao superior hierárquico.
19. Contribuir para a criação e manutenção de um bom ambiente de trabalho, através de colaboração mútua.
20. Não são admissíveis quaisquer formas de discriminação: raça, género, idade, orientação sexual, credo, estado civil, deficiência física, orientação política, opiniões de outra natureza, origem étnica ou social e naturalidade, seja entre colegas ou junto da restante comunidade.

Capítulo 9 – Aplicação de ferramenta de avaliação de desempenho

A avaliação de desempenho tem como objetivo promover as mudanças de categorias e, simultaneamente, dar origem a prémios monetários de incentivo. Permite também alterar o hábito existente nesta função, do nível remuneratório ser atribuído por antiguidade e não por qualidade, através de avaliação do desempenho profissional.

É, sem dúvida, uma ferramenta importante para a motivação, que consiste na análise de comportamentos observáveis e desempenho real durante um determinado período de tempo definido. Esta avaliação de desempenho é aplicada com o intuito de aumentar a competência, melhorar o desempenho dos colaboradores e motivar as pessoas. A avaliação é efetuada de acordo com o conhecimento, a atitude, o rigor, a iniciativa e o trabalho de equipa.

9.1 - Avaliação de Desempenho

1 – Em termos de competências, pode-se considerar vários parâmetros de avaliação, que são enumerados a seguir:

1.1 – Conhecimento

Domínio, aplicação e desenvolvimento de conhecimentos. O profissional demonstra possuir os conhecimentos necessários para a função que desempenha e aplica-os de forma eficaz.

- Nível de conhecimentos necessários para o bom desempenho da função;
- Aplicação prática dos conhecimentos detidos;
- Capacidade de aprendizagem e desenvolvimento dos seus conhecimentos.

1.2 – Atitude

Neste parâmetro, avalia-se se o profissional revela energia positiva no seu desenvolvimento e na sua relação com os outros, se demonstra entusiasmo e otimismo no desempenho da sua função e desenvolve os seus comportamentos a partir das situações vividas e da experiência adquirida.

- Energia, otimismo e dinamismo demonstrado no dia-a-dia;
- Atitude positiva, Paixão, Entusiasmo;
- Autocontrolo;
- Comunicação;
- Capacidade de desenvolvimento dos seus comportamentos.

1.3 – Rigor

Com este critério, pretende-se assegurar níveis de qualidade e cumprir os prazos definidos. Avalia-se se o profissional organiza o seu trabalho de forma eficaz, gerindo o seu tempo em função da urgência e importância dos assuntos.

- Fiabilidade na qualidade do trabalho desenvolvido;
- Capacidade para estruturar e priorizar as suas atividades;
- Eficiência na gestão do seu tempo para a realização de atividades.

1.4 – Iniciativa

Autonomia e empenho na execução do trabalho. Este parâmetro de avaliação revela autonomia na tomada de decisões, demonstra empenho na execução do trabalho e satisfação do cliente.

- Capacidade para assumir riscos;
- Autonomia na tomada de decisões;
- Empenho na execução do seu trabalho com enfoque no cliente.

1.5 – Trabalho em equipa

Cooperação com os outros colaboradores. Avalia-se se o profissional demonstra disponibilidade para ajudar os colegas na concretização do seu trabalho. Revela profissionalismo e mantém uma boa relação com os colegas.

- Disponibilidade para ajudar os colegas;
- Profissionalismo no relacionamento com os colegas;

2 - A variável Classificação Final, em cada uma das avaliações, poderia ser medida através de uma escala de atributos e valores, distribuídos da seguinte forma:

- 1 Não Satisfaz.
- 2 Satisfaz Pouco.
- 3 Satisfaz.
- 4 Satisfaz Bastante.
- 5 Excelente.

3 - O processo de validação das avaliações é, por conseguinte, assegurado pela hierarquia direta, que, posteriormente, comunicará aos colaboradores os resultados.

Capítulo 10 – O alcoolismo

A bebedeira do coveiro

Um Coveiro tinha amigos a cear. Cearam. Beberam. Havia um vinho mordente e duro da taberna. As estrelas estavam frias. Saíram para o cemitério inconsolável. Cambaleavam ferozes. Amontoaram a ramaria de um cipreste e acenderam uma fogueira. Cantavam à viola e dançavam como saltimbancos. (...).

Um deles gritou: Mulheres! Venham mulheres!— Há de as haver por aí — disse com largos risos o coveiro. E todos começaram procurando uma cova onde estivesse fresco e são um corpo de mulher: tinha sido enterrada uma rapariga naquela madrugada. Vinha atrás do caixão um rapaz todo amarelo, com grandes cabelos caídos. Tiraram a terra. Apareceu o caixão. Ela tinha o vestido despregado, no seio e via-se a carne branca.— Archotes! Archotes!

Trouxeram ramos acesos.— Quem há de ser o primeiro? que ela está a preceito!

Desceu um, bêbedo, despertado, galhofeiro e obsceno. Estendeu a mão dura e meteu-a pela abertura despregada do vestido entre os seios da morta.

Deu um grito. Tinha sido mordido. Era um bicho das covas. O bicho era o último amante daquele corpo branco; o bicho das covas tinha ciúmes. (Queiroz, 1871, cit.in Rosa, 1965, p.22).

Durante as sucessivas visitas efetuadas aos cemitérios, no decorrer deste trabalho de campo, e dado o conhecimento adquirido sobre os coveiros, constatámos que nem todos os coveiros transpareceram estados de alcoolemia, o que denota uma melhoria nesta matéria. Também Zelenovic (2008), no estudo que realizou, recolheu a informação de que “os inquiridos que bebem vinho categorizam-se como alguém que bebe socialmente, entre amigos, nos cafés, nas discotecas, portanto, alguém que bebe moderadamente e que não perde o controlo”. (p.106).

Todavia, também constatou pessoalmente o oposto, conforme relata: “O C5 não referiu que bebe, no entanto quando foi entrevistado (...), tinha um odor intenso a vinho (...)”. (Zelenovic, 2008, p.106).

Não obstante, o álcool constitui, segundo a opinião generalizada, um regulador emocional e é considerado uma forma de terapia para estes profissionais. Numa tentativa de desconstruir este mito sobre o álcool como um regulador de emoções, optou-se neste estudo por analisar, de forma aprofundada, quais as causas para a elevada incidência de casos de alcoolismo na categoria profissional em estudo.

A ideia preconcebida de que o fenómeno do álcool tem maior incidência nesta categoria profissional, pelo facto de, todos os dias, lidar diretamente com a morte, cai sobre terra quando se considera outras profissões, como os médicos e outros profissionais de saúde. Poderemos questionar: Como reagirão os elementos do Instituto Nacional de Emergência Médica (INEM) perante as situações de emergência? Como se comportam as equipas de salvamento perante catástrofes? Nestas classes profissionais, não são conhecidos casos de alcoolemia em grande escala.

Seguidamente, foi entrevistado um membro dos Alcoólicos Anónimos (AA), entidade que poderia apoiar no estudo fundamentado sobre as razões que motivam a elevada incidência de casos de alcoolismo nesta profissão, uma vez que não existem dados estatísticos sobre a incidência do álcool nesta profissão. Um dos membros que já colabora há duas décadas com os AA e que já trabalhou com esta classe a pedido de uma autarquia, também ele, à semelhança do que já tinha sido referido por uma hierarquia, considera que a alcoolemia nada tem a ver com a questão de se trabalhar com mortos. Para os coveiros, o serviço torna-se rotineiro, a não ser que se deparem com alguma situação em que se trate de família e amigos, embora mesmo aí experimentem os mesmos sentimentos de luto que qualquer outra pessoa. Pelo conhecimento adquirido durante estes últimos vinte anos, comprovou-se que esta tendência para o alcoolismo pode ser congénita ou adquirida por hábitos transmitidos pelo ambiente onde são criados. Estes hábitos vão criando raízes e, quando se apercebem, já estão doentes, embora não o reconheçam. O alcoolismo é, por conseguinte, uma das causas de problemas disciplinares e de absentismo.

Inquirido sobre as restantes classes profissionais que também lidam diariamente com a morte ou com ambientes violentos de corpos decompostos, o membro dos AA refere que os

números são uma minoria não significativa à semelhança do que se verifica em qualquer outra profissão. Os dados estatísticos fornecidos pelos AA podem ser consultados no Anexo H. Em suma, o seu depoimento vem de encontro às questões anteriormente colocadas e à opinião corroborada de que não se verifica uma relação direta entre a elevada incidência de casos de alcoolismo nesta profissão e o facto de lidar com a morte.

Capítulo 11 – Os furtos

A opinião pública tem vindo a veicular uma série de estereótipos em relação ao coveiro, que constituem, sem sombra de dúvida, preconceitos infundados e injustos. As notícias que se têm veiculadas de que os coveiros se apoderam de ouro, joias e outros objetos de valor pertencentes aos defuntos, são exemplos de acusações infundadas e altamente pejorativas, que em nada contribuem para o reconhecimento social e ético desta categoria profissional. Casos de transplantes e de tráfico de órgãos são associados a estes profissionais, acusados injustamente de colaborarem neste tipo de práticas, retirando os órgãos aos defuntos. As visitas efetuadas aos cemitérios da amostra, levaram-nos a ter uma clara perceção de que estes casos não seriam sequer praticáveis nesses locais.

Segundo as práticas correntes, sempre que um coveiro tem contacto direto com um cadáver, o profissional está geralmente acompanhado por colegas, ou por família, ou por delegados de Saúde que supervisionam estes serviços, muito embora estas constatações não tenham sido alvo de estudo na nossa investigação.

Capítulo 12 – A cremação

Todos nós acabamos por morrer e, conseqüentemente, há que dar uma solução ao corpo sem vida, o que significa que a tendência é sempre crescente relativamente ao número de corpos.

A falta de espaço nos cemitérios e as questões ambientais relativas à salubridade, tornam-se um problema cada vez mais pertinente, tendo em conta que os cemitérios deveriam estar localizados longe das povoações, contrariamente ao que se verifica atualmente, em que estes lugares se imiscuem entre as habitações, o que se deve, na generalidade, a um crescimento desordenado dos aglomerados urbanos.

Em suma, atualmente torna-se muito pertinente a procura de soluções eficazes, com o intuito de resolver o atual problema de escassez de espaço, tal como a exumação, que alivia um pouco os espaços. Porém, é sem dúvida, a cremação, a melhor prática quer em termos de espaço, quer em termos de higiene, embora exista alguma resistência por parte da Igreja Católica que, tendo sido outrora uma opositora desta prática, começa a ter uma posição mais permissiva.

12.1 – O passado

Dias (1963) refere que, durante quarenta anos (de 1923 a 1963), apenas se realizaram em Lisboa vinte e duas cremações. Se compararmos com os números agora apresentados, denota-se um crescimento muito acentuado desta prática.

12.2 – A cremação aos olhos da Igreja Católica

Segundo o Cónego José Luiz Vilac (1998), a cremação é a destruição violenta do cadáver humano por meio do fogo ou de grande calor, no forno crematório. Embora muitos povos pagãos da Antiguidade tenham utilizado a cremação, como prática usual, pelo contrário, o povo judeu e, mais tarde, os cristãos sempre rejeitaram a cremação, considerando-a uma prática indigna e não conveniente à reverência que é devida ao corpo humano.

Todavia, a cremação foi, frequentemente, ao longo da história da humanidade, utilizada como necessidade premente em casos de peste e catástrofes, situações nas quais a corrupção lenta de

um grande número de cadáveres era considerada uma forte ameaça à saúde pública (exalações pestilenciais, contágio, etc.).

A razão pela qual a Igreja se opõe à cremação não é por esta prática ser contra o dogma católico da ressurreição. A ressurreição dos corpos não se torna mais difícil pela cremação dos corpos. Segundo a crença cristã, Deus, a partir de uma minúscula célula do corpo humano (contida seja na cinza funerária, seja no resultado da corrupção orgânica) o reconstitui por inteiro, sendo um milagre semelhante ao da Criação. Até 5 de julho de 1963, a disciplina canónica era severa no tocante à cremação dos corpos dos fiéis falecidos. Punia negando a Exéquias, ou seja, a Encomendação do corpo e a celebração das Missas de corpo presente, de sétimo e trigésimo dia àqueles que postulassem a cremação de seu cadáver.

Se a Igreja condena a cremação é, acima de tudo, porque ela se opõe à antiquíssima tradição que remonta às próprias origens da Humanidade e que se radica nos justos sentimentos de reverência para com o corpo humano, santificado pela intimidade com a alma elevada pela Graça, que o torna templo vivo do Espírito Santo. A atual lei da Igreja, a partir do Concílio Vaticano II, ao tratar do sepultamento, postula o seguinte:

“A Igreja aconselha vivamente que se conserve o piedoso costume de sepultar o cadáver dos defuntos; sem embargo, não proíbe a cremação, a não ser que haja sido eleita por razões contrárias à doutrina cristã” (Código de Direito Canónico, cânon 1176, par. 3).

Nos casos em que razões psicológicas (certas neuroses de ser enterrado vivo) ou outras razões, levem alguém a desejar a cremação (ou nos casos de calamidades acima mencionadas), as cinzas do defunto devem ser guardadas com respeito, como as cinzas retiradas da sepultura quando se completa a deterioração do cadáver pela corrupção orgânica. O local apropriado para as guardar são as urnas nos Cemitérios, onde as pessoas podem ir rezar e se recolher para lembrar-se piedosamente do finado. Mas qualquer lugar digno pode ser utilizado. Enterrar os mortos é uma das obras de misericórdia e a ela se dedicaram inúmeras confrarias piedosas durante os séculos em que a fé cristã predominou na sociedade ocidental. Também o Bispo de Setúbal, D. Gilberto Canavarro Reis (2009), publicou uma Nota Pastoral sobre a Cremação dos Corpos, na qual explica que "a Igreja, embora recomende a prática da sepultura, aceita a

possibilidade da cremação". (Carmo, 2009, par.1). Ele lembra que o atual ritual das exéquias contém "os ritos adequados a este procedimento". D. Gilberto Reis destaca que "apenas nos casos em que a cremação fosse pedida por alguma razão contrária à fé, a Igreja recusaria a celebração das exéquias, incluindo a Missa exequial" (Carmo, 2009, par.3). Tal como o Cónego José Luiz Vilac, D. Gilberto Reis faz referência e confirma o que é dito no Código de Direito Canónico, no seu cânone 1176 (par 3). O Bispo de Setúbal sublinha que "sendo a sepultura do cadáver imagem da sepultura do corpo do Senhor, retirado da cruz, a Igreja recomenda aos fiéis o costume tradicional da sepultura".(Gilberto, Bispo de Setúbal, 2009, par 2).

"No caso de cremação, é desejável que os ritos exequiais se celebrem do mesmo modo como se celebram para os que são sepultados, isto é, tenham lugar numa igreja ou capela e incluam a encomendação e a despedida, antes da deslocação do corpo para o lugar da cremação", (Gilberto, Bispo de Setúbal, 2009, par 3), refere a nota. Este cânone foi confirmado, através da leitura do Código de Direito Canónico, conforme Anexo I do presente trabalho.

12.3 - Crematórios têm lista de espera

Segundo Cunha (2011), de um total de 8.330 indivíduos que todos os meses morrem em Portugal, 750 são cremados. A opção, considerada mais barata e ecológica, está a ganhar terreno à inumação, a um ritmo de 15 por cento ao ano. Em 2010, foram realizadas em Portugal 7750 cremações.

Para além da paulatina mudança de mentalidades, o crescimento desta prática está ainda relacionado com a sua aceitação por parte da Igreja Católica e, sobretudo, com o investimento que tem sido feito na construção de novos fornos crematórios. Em finais de 2007, existiam em Portugal quatro fornos crematórios. Atualmente, estão em funcionamento catorze fornos, estando outros dois, localizados em Almada e Sesimbra, em fase de acabamento. Atualmente, estão em funcionamento fornos crematórios em cemitérios de Lisboa (3), Porto, Matosinhos, São João da Madeira, Figueira da Foz, Vila Franca de Xira, Loures, Sintra, Elvas, Ferreira do Alentejo, Porto Santo e na ilha de São Miguel. Em fase de concurso, está o forno crematório de Oeiras. Apesar de nem todos se encontrarem a trabalhar no máximo da sua capacidade, em alguns casos, chega a existir lista de espera, nomeadamente, no Norte do País, onde o número de equipamentos é mais reduzido.

No cemitério do Prado do Repouso, no Porto, por exemplo, chegam a ficar corpos em espera para o dia seguinte e, muitas vezes, são realizadas cremações às 17h00, já em período extraordinário, o que triplica o preço do serviço. Os dados estatísticos acima referenciados sobre crematórios, à exceção do Porto e Matosinhos, perante a inexistência de fonte bibliográfica, foram retirados de um trabalho jornalístico elaborado pelo jornalista Secundino Cunha, que nos transmitiu ter chegado a estas conclusões através de abordagens diretas a cada um dos crematórios.

Carreira (2011), responsável da Servilusa, empresa que gere quatro fornos crematórios, sublinha que "a opção pela cremação só não atinge níveis mais elevados porque, na maioria dos casos, as funerárias não informam devidamente os clientes". No entanto, este responsável considera que "o número de cremações vai continuar a subir, uma vez que é mais ecológica e barata do que a inumação e resolve o grave problema de sobrelotação dos cemitérios".

12.4 - Os preços

As taxas de cremação em Portugal variam entre os 178 euros, em horário de expediente no cemitério do Prado do Repouso, no Porto (em horário extra passa os 500 euros), e os 720 euros em período extraordinário (após as 17h00) nos crematórios geridos pela Câmara Municipal de Lisboa (CML). No caso dos quatro crematórios geridos pela Servilusa (Figueira da Foz, Sintra, V. F. Xira e Elvas), o preço é, a qualquer hora, de 195 euros. Uma das razões porque é mais barato é, ao contrário dos cemitérios, a inexistência de manutenção. Todos os preços incluem pote para cinzas.

Segundo constata Monteiro (Lusa, 2011), presidente da Associação Nacional de Empresas Lutuosas (ANEL), em Portugal, em 2010, houve cerca de 110 mil óbitos, sendo que "a taxa de cremação nacional rondou os seis por cento" (2011, par 3). O crescimento do número de cremações está a ser "bastante acelerado". "Só em Lisboa, 68 por cento dos funerais são para cremação" (2011, par 5), referiu, explicando, porém, que existem cremações relativas a óbitos ocorridos fora desta região. A explicação para esta alteração de hábitos dos portugueses, "inclusive dos católicos praticantes", prende-se, na sua opinião, com a mudança de mentalidades e também com questões monetárias. O valor médio nacional de um enterro é de 1500 euros.

Todavia, o responsável lembrou que no enterro acresce a compra do terreno no cemitério. Ou então, no caso de sepulturas temporárias, poucos anos depois tem “de se fazer a exumação e optar pela cremação ou pela colocação dos restos mortais em jazigos ou ossários”, uma despesa que poderá situar-se “entre os 500 e os 1500 euros”. Por outro lado, refere, as famílias hoje não têm “disponibilidade de tempo” para continuar a cumprir rituais como colocar flores nas campas. Em termos de crescimento exponencial desta prática, só na Área Metropolitana de Lisboa, existem crematórios em Rio de Mouro, Póvoa de Santa Iria, Camarate, Alto de São João, Olivais, Almada e Sesimbra.

12.5 – Crematório do Porto triplicou atividade em sete anos

No Porto, o crematório do cemitério do Prado do Repouso quase triplicou a sua atividade nos últimos sete anos de acordo com os números revelados à Lusa pela autarquia portuense. Na cidade portuense, o forno crematório municipal iniciou a atividade em 1996. Entre 2003 e agosto de 2011, a média mensal foi de 65 de cremações (Lusa, 2011). Em 2010, de acordo com os dados estatísticos fornecidos pela Direção Municipal do Ambiente da Câmara Municipal do Porto, foram realizadas 1336 cremações. Diariamente, são disponibilizadas cinco cremações, feitas de segunda a sábado. "Por norma, temos sempre marcações para os três dias seguintes, mostrando assim grande procura pelos serviços", refere-se no documento.

12.6 - Número de cremações no cemitério do Prado do Repouso

Relativamente ao número de cremações realizadas no Cemitério do Prado do Repouso, após muita dificuldade no acesso a informação estatística, conforme se pode comprovar no Anexo J, foi possível contar com os dados oficiais da Câmara Municipal do Porto, para que se pudesse comparar com os números avançados pela comunicação social, existindo, de facto, algumas discrepâncias, nomeadamente, quanto ao número relativo ao ano de 2003 e ao valor médio mensal entre 2003 e 2010, que resulta em 90 cremações.

Cremações no Cemitério do Prado do Repouso (Anexo K):

1996 - 81
1997 - 92
1998 - 99
1999 - 367
2000 - 830
2001 - 540
2002 - 796
2003 - 772
2004 - 754
2005 - 1013
2006 - 929
2007 - 1145
2008 - 1388
2009 - 1327
2010 - 1336
2011 - 1749

12.7 – Crematório de Matosinhos

O crematório de Matosinhos está integrado no Tanatório do concelho (o primeiro municipal), inaugurado em julho de 2009, e que, no último ano e meio, recebeu cerca de 601 cremações e 36 ossadas. Para incentivar a cremação, com vista a resolver o problema da sobrelotação dos cemitérios, estas foram realizadas de forma gratuita até dezembro de 2009.

Assim, de acordo com informações fornecidas pela Câmara de Matosinhos à agência noticiosa Lusa, "desde o dia 1 de Janeiro de 2010 até 5 de Julho de 2011, foram efetuadas cerca de 601 cremações e 36 ossadas". (Jornal de Notícias, 2011, par 10). O crematório tem funcionado seis dias por semana e, "no máximo", fazem-se quatro cremações por dia. Até ao momento, tem sido possível dar "resposta a todos os pedidos", sendo que o tempo máximo de espera para cremação é de um dia. No entanto, "esta espera só existe, caso o dia pretendido já tenha quatro marcações", o que, segundo as indicações autárquicas, é muito raro acontecer. O crematório de Matosinhos é gerido por uma empresa, designada por Ecogaya - Gestão e

Valorização Ambiental, SA, através de um contrato de prestação de serviços para manutenção e conservação do cemitério municipal, a quem foi solicitada uma entrevista conforme Anexo L, para a qual não se obteve qualquer resposta. Foi por intermédio da arquiteta Luísa Valente, da Câmara Municipal de Matosinhos, que se realizou a visita ao Tanatório e ao cemitério adjacente, tendo-nos sido dada a oportunidade de assistir a uma cerimónia fúnebre e conhecer todo o funcionamento do Crematório. O equipamento possui o segundo forno crematório da região Norte. Até 2009, apenas o crematório do cemitério do Prado do Repouso, no Porto, dava resposta aos pedidos da região.

12.8 - Número de cremações no Tanatório de Matosinhos

De forma a confirmar estes números aqui apresentados, foi solicitado à Câmara Municipal de Matosinhos (CMM), através do Departamento de Taxas e Licenças, valores corretos, para que esta informação fosse credível e cujo comprovativo se encontra no Anexo M. Conforme comprovam os números apresentados por Cerqueira (2012), daquele município, verificou-se, nos últimos três anos, um crescimento exponencial desta prática fúnebre. O total de cremações no Tanatório foi o seguinte:

- Ano de 2009 – 10 cremações;
- Ano de 2010 – 181 cremações;
- Ano de 2011 – 384 cremações:

12.9 - O coveiro perante o novo paradigma da cremação

A profissão de coveiro, que até ao momento se assumia de extrema importância, começa agora a ser posta em causa, perante o visível crescimento das cremações face às inumações, e tendo em conta que existem especialistas que apenas trabalham nos fornos crematórios e foram ensinados especificamente para executar esta função. Perante este novo paradigma, o presente estudo reflete ainda a preocupação de reajustar e atualizar os conhecimentos e funções dos coveiros, procurando soluções com vista a tornar as suas tarefas mais abrangentes e criando condições e formação para os preparar também para as incinerações e polivalência nas suas funções.

Capítulo 13 - Soluções

“ (...) só as pessoas conseguem transformar ameaças em oportunidades, problemas em soluções e sonhos em realidade.” (Portugal Telecom , 2011, par 3)

Após a fase de inquéritos e entrevistas com os coveiros objeto deste estudo, as hierarquias, as famílias dos defuntos, a Servilusa e os Alcoólicos Anónimos, chegou-se ao momento de sugerir soluções para os problemas desta profissão.

Uma das maiores reclamações por parte dos colaboradores prende-se com o facto de apenas poderem utilizar instrumentos manuais, o que torna o trabalho mais pesado e menos produtivo.

Esta questão poderia ultrapassar-se com a construção de arruamentos maiores nos cemitérios, por onde pudessem circular as máquinas, embora tal solução não pudesse ser aplicada de forma generalizada aos cemitérios preexistentes.

Relativamente aos salários, outra das pertinentes reclamações dos coveiros, uma das soluções apresentadas passaria por aplicar a ferramenta “Análise de Desempenho”, que poderá resultar na atribuição de prémios de trabalho, progressões e promoções na carreira. Em simultâneo, se os Ordenados Líquidos aumentassem, evitar-se-ia a questão do recebimento de gorjetas por parte dos utentes dos cemitérios, o que perturba as hierarquias.

Em suma, o “Código de Ética” seria fundamental para se criar ordem e bom relacionamento entre chefias, colaboradores e colegas. A “Higiene e Saúde” no trabalho é de importância extrema nesta profissão, tal como o uso de máscaras e luvas é fundamental em determinadas tarefas.

A Formação profissional, da forma como está a ser ministrada pela Servilusa, que se dispõe a ministrar formação nos locais onde é necessária, por todo o País, deveria ser de cariz obrigatório, com vista a corrigir pequenos erros e vícios, dos quais nem os próprios se apercebem. Também neste campo da formação contínua, deveria aproveitar-se a formação relacionada com a cremação, de forma a que os coveiros estivessem preparados para um futuro, que chegará mais rápido do que se imagina e que irá surtir profundas alterações na sua profissão.

Relativamente ao trabalho de fim de semana e feriados, constata-se existirem três alternativas:

- Ou se guardam os corpos em câmaras frigoríficas;
- Ou se recorre ao pagamento de horas extras;
- Ou se usa o método de serviço por turnos (quem trabalhar num desses dias tem direito ao descanso compensatório num outro dia).

Quanto ao alcoolismo, o mais importante é fazê-los perceber a diferença entre beber socialmente e beber por hábito. Assumindo que se trata de um problema, estes devem ser encaminhados para tratamento médico e acompanhamento psicológico. Os Alcoólicos Anónimos constituem uma comunidade de homens e mulheres que partilham entre si a sua experiência, força e esperança para resolverem o seu problema comum e ajudarem outros a recuperarem do alcoolismo. O único requisito para ser membro é o desejo de parar de beber. Para ser membro dos AA, não é necessário pagar taxas de admissão nem quotas. Eles são autossuficientes pelas próprias contribuições e não estão ligados a nenhuma seita, religião, instituição política ou organização, não se envolvendo em qualquer controvérsia ou causa. O seu propósito primordial é manter-se sóbrio e ajudar outros alcoólicos a alcançar a sobriedade.

Finalmente, considera-se que seria do maior interesse separar estes profissionais dos restantes que se encontram englobados em “Assistentes Operacionais”, para se criar uma categoria que os caracterize no seu desempenho, o que poderia contribuir consideravelmente para uma maior motivação destes profissionais e o seu reconhecimento social.

Conclusão

Quando orientador e orientando se conheceram, longe de imaginar que um dia iriam trabalhar juntos num projeto, o Prof. Dr. Francisco Queiroz proferiu algo que ficou sempre presente em quem está a fazer este trabalho: “Uma tese só tem interesse, se acrescentar algum valor, algo de novo, ao conhecimento”. Este foi o ponto de partida para a presente investigação. Aglomerar letras e palavras, citar o que outros já afirmaram e analisaram, soava a algo sem interesse. O risco de se manifestar ideias e convicções “sem rede” é enorme, mas enorme é também o prazer de podermos produzir conhecimento. Ao analisar o tema a que nos propúnhamos, fez com que se conseguisse desmistificar algumas opiniões pré-concebidas, baseadas no senso-comum, sobre a profissão de coveiro.

O alcoolismo, os comportamentos vândalos, o “desvio” de valores pertencentes a defuntos, o sentimento exacerbado, o stress emocional, todo um quadro macabro que se gere à volta da morte e dos coveiros não corresponde, inteiramente, à realidade. Trata-se de uma profissão igual a todas as outras, cujos profissionais têm os mesmos defeitos e virtudes e que devem possuir os mesmos direitos e deveres. À semelhança de outros profissionais, existem questões que podem ser corrigidas, conforme foi sugerido no capítulo em que se apresentam ações de melhoria e soluções.

Em suma, o presente estudo de investigação constituiu um trabalho descritivo, exploratório e empírico, muito embora tudo se fez para assentar as premissas apresentadas em fontes credíveis, de forma a aprofundar o seu cariz científico. O trabalho foi redigido de maneira simples e de leitura acessível, para que pudesse ser compreendido por todos os intervenientes.

Referências

- AA.VV. (1991). *Atitudes perante a morte* (coordenação de António Matias Coelho). Coimbra: Minerva.
- Alcoólicos Anónimos – Portugal [Em linha]. Disponível em: <http://www.aaportugal.org/index.php>. [Consultado em 27/04/2012].
- Anjos, A. (1998). *Eu e outras poesias*. 42. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Antunes, M. & Freitas, M. (2007). Trabalhar com a morte [Em linha]. Disponível em: <http://aeiou.expressoemprego.pt/Actualidades.aspx?Art=1&Id=1809>. [Consultado em 02/05/2012].
- Carmo, O. (2009). Cremação: Bispo elucida posição da Igreja. [Em linha]. Disponível em: <http://www.agencia.ecclesia.pt/cgi-bin/noticia.pl?id=73794>. [Consultado em 15/04/2012].
- Cemitérios de Rio Tinto. (sem data). Junta de Freguesia de Rio Tinto. [Em linha]. Disponível em: http://www.jf-riotinto.pt/index.php?option=com_content&task=view&id=31&Itemid=45. [Consultado em 05/10/2011].
- Cerqueira, B. (2012, Abril 26). Cremações no Tanatório de Matosinhos.
- Cunha, S. (2010) in CorreioManhã. Crematórios têm lista de espera [Em linha]. Disponível em: <http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/nacional/portugal/crematorios-tem-lista-de-espera>. [Consultado em 03/07/2011].
- Cunha, X. (1878). *O cemiterio de Villa Nova da Barquinha e as modificações que urgentemente cumpre imprimir-lhe*. Relatório apresentado à Câmara Municipal do respectivo Concelho em Agosto de 1870. Lisboa: Imprensa Nacional.
- Dias, V. M. L. (1963). *Cemitérios. Jazigos e sepulturas*. Porto: Editorial Domingos Bandeira.
- Dores, R. (2007, agosto 18). [Em linha]. Elvas vai ter escola de coveiros. *Diário de Notícias*. Disponível em : http://www.dn.pt/inicio/interior.aspx?content_id=663229. [Consultado em 15/04/2012].

Ferreira, T. et al. (1880) - *Os cemiterios em Lisboa*. Parecer apresentado à Câmara Municipal de Lisboa pela comissão nomeada em 30 de Dezembro de 1878 para indicar o modo prático de extinguir as valas. Lisboa: Typographia Portugueza.

Gilberto, Bispo de Setúbal. (2009, junho 11). [Em linha]. Nota Pastoral sobre a Cremação dos Corpos. *Diocese de Setúbal*. Disponível em: <http://www.diocese-setubal.pt/site/index.php?name=News&file=article&sid=1768>. [Consultado em 15/04/2012].

Jornal de Notícias. (2011). Crematório do Porto triplicou actividade em sete anos. [Em linha]. Disponível em: http://www.jn.pt/paginainicial/pais/concelho.aspx?Distrito=Porto&Concelho=Porto&Option=Interior&content_id=2091021&page=4. [Consultado em 30/10/2011].

Leite, A. vp (1983). Código de Direito Canónico [Em linha]. Disponível em: http://www.vatican.va/archive/cod-iuris-canonici/portuguese/codex-iuris-canonici_po.pdf. [Consultado em 15/04/2012].

Lusa, (2011). Portugueses recorrem cada vez mais aos 16 crematórios existentes. [Em linha]. Disponível em: http://noticias.sapo.pt/nacional/artigo/portugueses-recorrem-cada-vez-mais-aos-16-crematorios-existentes_1387.html. [Consultado em 30/10/2011].

May, T. (1996). *The Victorian Undertaker*. Oxford: Shire Publications Ltd.

Obstruzo, I. (2011) in Blog “A Carraça”. Elvas vai ter Escola de Coveiros [Em linha]. Disponível em: <http://zebedeudor.blogspot.pt/2011/09/elvas-vai-ter-escola-de-coveirosora-ate.html>. [Consultado em 15/04/2012].

Portela, A. M. & Queiroz, F. (2002). *O Cemitério de Santo António do Carrascal: Arte, História e Sociedade de Leiria no Século XIX*. Leiria.

Portugal Telecom (2011, outubro 27). [Em linha]. No que acreditamos. *Sobre a PT* Disponível em: <http://www.telecom.pt/InternetResource/PTSite/PT/Canais/SobreaPT/Pessoas/pessoas.htm>. [Consultado em 30/04/2012].

- Queiroz, J. F. F. (1997). *O ferro na arte funerária do Porto oitocentista. O Cemitério da Irmandade de Nossa Senhora da Lapa, 1833-1900*. Tese de Mestrado em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras do Porto.
- Queiroz, J. F. F. (2003). *Os Cemitérios do Porto e a arte funerária oitocentista em Portugal. Consolidação da vivência romântica na perpetuação da memória*. Tese de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Rico, C. (2011) Grande Reportagem Sic. Mercado da Eterna Saudade. [Em linha]. Disponível em: <http://sicnoticias.sapo.pt/programas/jornaldanoite/article924669.ece> ao minuto 13. [Consultado em 16/10/2011].
- Rosa, A. M. (1965). *Prosas Esquecidas I in Farsas de Eça de Queiroz (1871)*. Lisboa: Editorial Presença.
- Sebastião, V. (2011). Formação profissional na Servilusa.
- Torga, M. (1991). *Diário XI* (2^a ed.). Coimbra, Portugal: Coimbra Editora.
- Villac, J. L. (1998). A Palavra do Sacerdote [Em linha]. Disponível em: <http://www.catolicismo.com.br/materia/materia.cfm?IDmat=387B1C2A-3048-560B-1CA142A89B99F7B2&mes=Fevereiro1998>. [Consultado em 13/04/2012].
- Zelenovic, C. C. C. M. (2008). *Representações e emoções de coveiros portugueses face à morte*. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa.

Glossário

Cadáver: O corpo humano após a morte, até estarem terminados os fenômenos de destruição da matéria orgânica.

Cendário, o mesmo que columbário: Construção destinada ao depósito de recipiente ou recipientes contendo cinzas provenientes da cremação ou cremulação.

Consumpção: Destruição lenta mas progressiva.

Cremação: Redução de cadáver ou ossadas a cinzas.

Cremulação: Redução de ossadas, por meio de processo mecânico, a fragmentos granulados.

Depósito: Colocação de urnas que contenham restos mortais em ossários e jazigos.

Exumação: Abertura de sepultura, local de consumpção aeróbia ou caixão de metal onde se encontra inumado o cadáver.

Incineração: O mesmo que cremação; Reduzir a cinzas.

Inumação: Colocação de cadáver em sepultura, jazigo ou local de consumpção aeróbia.

Jazigo: Construção (composta por unidades de compartimentos) municipal ou particular, destinada ao depósito de urnas contendo restos mortais, predominantemente cadáveres.

Mineralização: Conjunto das substâncias inorgânicas em dissolução nas águas minerais.

Ossadas: O que resta do corpo humano uma vez terminado o processo de mineralização do esqueleto.

Ossário: Construção destinada ao depósito de urnas que contenham restos mortais, predominantemente ossadas ou depósito de cinzas.

Remoção: Levantamento de cadáver do local onde ocorreu ou foi verificado o óbito e o seu subsequente transporte, a fim de se proceder à sua inumação ou cremação.

Restos mortais: Cadáver, ossada e cinzas, peças anatómicas e fetos mortos ou recém-nascidos falecidos no período neonatal precoce.

Talhão: Área contínua destinada a sepulturas unicamente delimitada por acessos pedonais, podendo ser constituída por uma ou várias secções.

Tanatopraxia: Procedimento de preparação do cadáver para o velório.

Tanatório: Edifício onde são preparados os cadáveres para serem cremados ou sepultados.

Trasladação ou Transladação: Transporte de cadáver inumado em jazigo ou ossadas para local diferente daquele em que se encontram, a fim de serem de novo inumados, cremados, cremulados ou colocados em ossários ou cendrários.

Anexos

Anexo A – Troca de correspondência com a Câmara Municipal do Porto I

RECUSA À SOLICITAÇÃO

De: **Helder Filipe Mota da Costa** (heldercosta@cm-porto.pt) em nome de **DMPU - Divisão Municipal Parques Urbanos** (parquesurbanos@cm-porto.pt)

Enviada: segunda-feira, 1 de Agosto de 2011 14:21:18

Para: helenajacques@hotmail.com (helenajacques@hotmail.com)



Exm.^a Senhora

Dr.^a Maria Helena Jacques

Em resposta ao pedido de colaboração com esta Autarquia, mais concretamente com o Cemitério do Prado do Repouso, no âmbito da tese em Recursos Humanos (coveiros) - a sua profissão, formação e perspetiva inerente ao novo paradigma da cremação, informamos que neste momento tal não é oportuno.

Com os melhores cumprimentos,

O Chefe da Divisão Municipal de Parques Urbanos

(Liliana Ferreira, Eng.^a)



Divisão Municipal de Parques Urbanos
Estrada Interior da Circunvalação, 15443 Porto
tel.: +351 22 532 00 80

parquesurbanos@cm-porto.pt

De: Helena Jacques [mailto:helenajacques@hotmail.com]

Enviada: quarta-feira, 27 de Julho de 2011 10:35

Para: Arnaldina Maria Cerqueira Riesenberger Lourenço

Assunto: Tese orientador Prof Dr. Francisco Queiroz

Bom Dia

O projeto de tese é estudar os Coveiros enquanto Recursos Humanos - a sua profissão, formação e perspetiva inerente ao novo paradigma da cremação.

Da parte da Câmara Municipal do Porto e visto o meu objeto de estudo se circunscrever ao Cemitério

do Prado do Repouso, necessitava de autorização para poder visitá-lo sempre que necessário, circular por lá, ter acesso ao crematório e fundamentalmente poder falar com quem lá trabalha. Toda a ajuda que me conseguirem facultar em termos de informação também será preciosa, visto existir escassa bibliografia sobre o tema.

O meu Orientador é o Prof. Dr. Francisco Queiroz, cuja biografia segue em anexo.

Grata pela atenção, cumprimentos

Maria Helena Gomes Jacques
T. 963019616

Anexo B – Troca de correspondência com a Câmara Municipal do Porto II

SOLICITAÇÃO SEM RESPOSTA

Para dmrh@cm-porto.pt

De: **Helena Jacques** (helenajacques@hotmail.com)

Enviada: sexta-feira, 7 de Outubro de 2011 09:21:27

Para: dmrh@cm-porto.pt

1 anexo (11,2 KB)



curriculu...pdf

Transferir(11,2 KB)

Transferir como zip

Bom Dia,

Na sequência de um projeto de investigação inerente a uma tese de mestrado a ser defendida no Isla Gaia, cujo objetivo puramente académico é estudar os Coveiros enquanto Recursos Humanos - a sua profissão, formação e perspetiva inerente ao novo paradigma da cremação, venho solicitar à Direção Municipal de Recursos Humanos da Câmara Municipal do Porto, autorização para visitar o Cemitério de Prado do Reposo e fundamentalmente poder falar com quem lá trabalha.

Toda a ajuda que me conseguirem facultar em termos de informação também será preciosa, visto existir escassa bibliografia sobre o tema.

O meu Orientador é o Prof. Dr. Francisco Queiroz, cuja biografia segue em anexo.

Grata pela atenção, cumprimentos

Maria Helena Gomes Jacques

Licenciada em Engenharia Multimédia

Pós-Graduação em Gestão de Recursos Humanos

Estudante de Mestrado em Gestão de Recursos Humanos

T. 963019616

PEDIDOS DE INFORMAÇÕES AO INE

- Pedid

De: **info@ine.pt**

Enviada: sábado, 21 de Abril de 2012 10:45:05

Para: helenajacques@hotmail.com

O seu pedido foi registado com sucesso. Pode consultar o estado do pedido através do link abaixo.

Pedido de Informação
Número de entrada: PED-138491145
E-mail: helenajacques@hotmail.com
Na sequência da investigação que estou a efetuar sobre a profissão de coveiros no âmbito de Tese de Mestrado, necessitava da v/ajuda nos seguintes n°s: n° de enterramentos (inumações), exumações, cremações. Embora a minha tese esteja circunscrita ao Distrito do Porto, caso não exista esta informação pode ser Portugal. Quanto à data, a mais recente que tiverem. Grata pela vossa ajuda, cumprimentos.

Data: 23-04-2012N/ Ref^ª: PED-138491145

Caro/a
Helena Jacques

Agradecendo o pedido n.º PED-138491145 informamos que o INE não produz a informação solicitada.

Colocamo-nos ao V. dispor para eventuais esclarecimentos.
Com os nossos cumprimentos,

Apoio ao Cliente
INE - Instituto Nacional de Estatística, IP
Nº 808 201 808 (rede fixa)
Nº 218 440 695 (outras redes)
9:00 às 17:30 - dias úteis

Pedidos de Informação
Visite o INE em www.ine.pt
Escolha **Contacte-nos**
Selecione **Pedidos de Informação/Esclarecimentos** ou siga este link
Fax: 218 426 364

Pedido não é viável - PED-138491145 - M^a João Rebelo

Anexo D – Dados do Instituto Nacional de Estatística sobre a população e taxa de mortalidade

ANEXO

Quadro extraído em 26 de Abril de 2012 (16:04:14)
<http://www.ine.pt>

Local de residência		População residente (N.º) por Local de residência e Sexo; Decenal (1)			
		Período de referência dos dados			
		2011			
		Sexo			
		HM	H	M	
		N.º	N.º	N.º	
Portugal	PT	10561614	5047387	5514227	
Continente	1	10047083	4799593	5247490	
Região Autónoma dos Açores	2	246746	121533	125213	
Região Autónoma da Madeira	3	267785	126261	141524	

População residente (N.º) por Local de residência e Sexo; Decenal - INE, Censos - séries históricas

Nota(s):

(1) Dados Provisórios

Última atualização destes dados: 07 de dezembro de 2011

ANEXO

Quadro extraído em 06 de Março de 2012 (09:10:45)
<http://www.ine.pt>

Local de residência	Taxa bruta de mortalidade (‰) por Local de residência; Anual	
	Período de referência dos dados	
	2010	
	‰	
PT: Portugal	10	
1: Continente	9,9	
2: Região Autónoma dos Açores	10	
3: Região Autónoma da Madeira	10,7	

Taxa bruta de mortalidade (‰) por Local de residência; Anual - INE, Indicadores Demográficos

Última atualização destes dados: 25 de novembro de 2011

Anexo E – Análise de dados demográficos

ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

RESPOSTAS OBTIDAS EM ONZE CEMITÉRIOS DO DISTRITO DO PORTO

Coveiro	Idade	Género	Hab. Liter.	Estado Civil	Local	Entidade	Início Act.	Salário Líq.	Horário	Horas Extras	Turnos	Progressão	Sindicato	Form. Prof	Farda Prot.
1	46	Masculino	4º Ano	Casado	Vila	J.Freguesia	2006	530	8 h	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim
2	48	Masculino	4º Ano	Casado	Porto	J.Freguesia	2011	485	8 h	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim
3	60	Masculino	4º Ano	Casado	Porto	J.Freguesia	1985	734		Sim	Não		Sim	Não	Sim
4	59	Masculino	4º Ano	Casado	Porto	J.Freguesia	1980	0		Sim		Sim	Sim	Sim	Sim
5	53	Masculino	4º Ano	Casado	Porto	J.Freguesia	1979	782,68	7 h	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim
6	54	Masculino	3º Ano	Casado	Aldeia	J.Freguesia	1988	500		Não	Não	Não	Não	Não	Sim
7	67	Feminino	4º Ano	Viúvo	Vila	J.Freguesia	1987	550							
8	44	Masculino	6º Ano	Divorc.	Vila	J.Freguesia	2000	518		Sim	Não	Não	Não	Não	Não
9	51	Masculino	4º Ano	Casado	Vila	J.Freguesia	2003	580	7 h	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim
10	46	Masculino	6º Ano	Casado	out. Cidade	J.Freguesia	2008	750	10 h	Não	Não	Não	Não	Não	Sim
11	50	Masculino	9º Ano	Casado	Porto	J.Freguesia		537	7 h	Sim	Não	Sim	Sim		Sim
12	51	Masculino	4º Ano	Casado	Porto	J.Freguesia	1999	535	7 h	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim
13	58	Masculino	4º Ano	Casado	Porto	Ordem Rel.	1990	564	7 h	Não	Não	Não	Não	Não	Sim

ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO

RESPOSTAS OBTIDAS EM ONZE CEMITÉRIOS DO DISTRITO DO PORTO

Coveiro	Idade	Género	Hab. Liter.	Estado Civil	Local	Entidade	Início Act.	Salário Líq.	Horário	Horas Extras	Turnos	Progressão	Sindicato	Form. Prof	Farda Prot.
14	55	Masculino	9º Ano	Casado	Porto	Ordem Rel.	1987	564	7 h	Não	Não	Não	Não	Não	Sim
15	54	Masculino	4º Ano	Casado	Porto	Ordem Rel.	1981	607,47	7 h	Sim	Não	Não	Não	Não	Sim
16	36	Masculino	6º Ano	Casado	Porto	J.Freguesia	2001	532	7 h	Sim	Não	Não	Sim	Sim	Sim
17	56	Masculino	4º Ano	Casado	Porto	J.Freguesia	1986	625	7 h	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Sim
18	46	Masculino	4º Ano	Casado	Porto	J.Freguesia	2004	532	7 h	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim
19	56	Masculino	4º Ano	Casado	out. Cidade	J.Freguesia	1977	780	6,5 h	Sim	Não	Sim	Sim	Não	Sim
20	43	Masculino	12º Ano	Casado	out. Cidade	J.Freguesia	2011	0	7 h	Não	Não	Não	Não	Não	Sim
21	50	Masculino	9º Ano	Solteiro	out. Cidade	J.Freguesia	2011	485	7 h	Não	Sim	Não	Não	Não	Sim
22	65	Masculino	4º Ano	Casado	out. Cidade	J.Freguesia	1979	782,68	7 h	Não	Não	Sim	Sim	Não	Sim
23	55	Masculino	4º Ano	Casado	out. Cidade	J.Freguesia	2010	485	7 h	Não	Não	Sim	Não	Não	Sim
24	52	Masculino	12º Ano	Casado	out. Cidade	J.Freguesia	1990	683	7 h	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim
25	49	Masculino	12º Ano	Casado	out. Cidade	Câmara Municipal	2006	532,08	7 h	Não	Não	Sim	Não	Sim	Sim
26	37	Masculino	9º Ano	Casado	out. Cidade	Câmara Municipal	2010	485	7 h	Não	Não	Não	Não	Não	Sim
27	52	Masculino	9º Ano	Casado	out. Cidade	Câmara Municipal	1983	800	7 h	Não	Não	Sim	Sim	Não	Sim
28	43	Masculino	9º Ano	Solteiro	out. Cidade	Câmara Municipal	2004	554,19	7 h	Não	Não	Não	Não	Não	Sim
29	32	Masculino	9º Ano	Divorc.	out. Cidade	Câmara Municipal	2010	554,19	7 h	Não	Não	Não	Não	Não	Sim
30	35	Masculino	12º Ano	Solteiro	out. Cidade	Câmara Municipal	2010	554,19	7 h	Não	Não	Não	Não	Não	Sim
31	43	Masculino	6º Ano	Solteiro	out. Cidade	Câmara Municipal	2004	532	7 h	Não	Não	Não	Sim	Não	Sim

Anexo F – Análise qualitativa dos dados

ENTREVISTA	COVEIROS								
	1	2	3	4	5	6	7	8	9
Funções que executam no desempenho da atividade profissional?	Tudo o que diz respeito	Levantamento e enterramento dos corpos	Todo o serviço	Não respondeu	É coveiro, abrir sepulturas, limpezas e levantar mortos	Enterramentos, exumações, transladações, pedreiro, acabamentos, limpeza	Não respondeu	Enterramentos, exumações, transladações, manutenção	Enterramentos, exumações, transladações
Que métodos usam no exercício de funções(utensílios manuais ou mecânicos)?	Manual	Pás, enxadas, máscaras	Pá e Pica	Não respondeu	Sachola, pá e pica	Manuais	Não respondeu	Manual	Manual
Que sentimentos experimentaram quando iniciaram esta atividade (indiferença, gosto, repulsa, receio, etc) ?	Indiferença	Indiferença um trabalho igual aos outros	Assustava	Não respondeu	Ansiedade	Não tem problemas	Não respondeu	Indiferença	Indiferença
O que sentem agora na execução das mesmas tarefas?	Igual	Indiferença	Revolta	Não respondeu	Já trabalho mais à vontade	Não tem problemas	Não respondeu	Indiferença	Indiferença
O que sentem perante a vossa família/amigos/conhecidos relativamente à vossa profissão (vergonha, orgulho, indiferença, etc)?	Indiferença	Indiferença o que interessa é estar empregado	Orgulho	Não respondeu	Não sinto vergonha, só orgulho	Esconde da mulher	Não respondeu	Não tem vergonha	Não tem vergonha
Qual a postura adotada com as famílias dos defuntos durante a execução da vossa atividade (enterramentos, exumações, cremações, visitas)?	Ter uma palavra amiga	Ficar em silêncio enquanto as famílias se despeçam dos seus entes queridos	Não respondeu	Não respondeu	Respeito pelos familiares	Amigável. Custa-lhe atirar terra enquanto está a família	Não respondeu	Dá apoio, conversa	Ajuda e dá apoio
Qual o tipo de tarefas que preferem executar e as que menos gostam?	Gosto mais de abrir covas e menos de exumações	Não tenho preferência	Não respondeu	Não respondeu	O que mais gosto é enterrar cadáveres e o menos é enterrar anjinhos	Gosta mais de tudo, gosta menos das exumações	Não respondeu	É tudo igual	É tudo igual
Que poderia melhorar na profissão de coveiro?	Máquinas	Melhores condições de trabalho	Salários Dignos	Não respondeu	Eu acho que devia ter limpezas nas casas de banho	Guindaste para tirar terras	Não respondeu	O salário e a formação	O salário

ENTREVISTA	COVEIROS								
	10	11	12	13	14	15	16	17	18
Funções que executam no desempenho da atividade profissional?	Enterramentos, transladações, exumações, limpeza, manutenção	Coveiro	Coveiro	Coveiro e Jardineiro	Coveiro e Jardineiro	Coveiro e Jardineiro	Exumações, Inumações, Limpeza, Recolha de lixo, etc	Inumação/exumações e manter o cemitério limpo	Inumações, exumações, manutenção
Que métodos usam no exercício de funções(utensílios manuais ou mecânicos)?	Manual e algum mecânico	Não respondeu	Utensílios manuais - pá	Manuais	Manuais	Pá, enxada e alvião	Utensílios manuais	Utensílios manuais	Utensílios manuais
Que sentimentos experimentaram quando iniciaram esta atividade (indiferença, gosto, repulsa, receio, etc) ?	Receio	Não respondeu	Indiferença	Receio	Receio	Receio ao impacto de ver cadáveres ainda intactos	Gosto	No início senti algum receio ao realizar a minha função	Gosto
O que sentem agora na execução das mesmas tarefas?	Indiferença. Só "mexe" se conhecer morto. Duro no momento mas depois recai	Está bem com tudo	Igual	Normal	Normal	Normal	Sinto gosto e empenho pela minha atividade profissional	Agora já me sinto indiferente, às vezes	Gosto e fazendo cada vez melhor
O que sentem perante a vossa família/amigos/conhecidos relativamente à vossa profissão (vergonha, orgulho, indiferença, etc)?	Não tem vergonha	Sinto-me muito bem com o meu trabalho	Orgulho	Indiferença	Orgulho	Indiferença. Todos os familiares e amigos sabem que sou coveiro. Não tenho problemas	Orgulho	É um trabalho como outro qualquer	Orgulho
Qual a postura adotada com as famílias dos defuntos durante a execução da vossa atividade (enterramentos, exumações, cremações, visitas)?	Sempre disponível e prestável, fala com eles	Não respondeu	Não respondeu	Respeito pelo Luto	Respeito	Ter respeito, tratar o melhor possível porque tudo nos dói neste ato	Dar total apoio e informações necessárias	A família mostra-se sempre simpática e agradecida pelo nosso trabalho	A melhor possível, dar apoio moral/psicológico, para reagirem com coragem
Qual o tipo de tarefas que preferem executar e as que menos gostam?	O que gosta menos é deitar terra, o que gosta mais é levantar paredes e fazer covas	Não respondeu	Não respondeu	Gosta mais de inumações e menos de sangrias e exumações	Geral	Prefiro inumações. Desagrado fazer exumações em caixão zinco/chumbo	Não tenho preferências	O que gosto menos são exumações; o que custa menos são os funerais e andar ao lixo	Todas as tarefas
Que poderia melhorar na profissão de coveiro?	Respeito	Profissão diferente e nem todos gostam deste serviço, é muito complicado	Não respondeu	Além de sermos mal pagos, também somos mal vistos	Vencimento de ordenado	Melhor Remuneração; Minorias; Vistos como homens sem categoria e carácter	O salário mensal	Ter meios mecânicos para facilitar o trabalho para gastar menos força física	Como está é suficiente: não estou a ver nenhum melhoramento

ENTREVISTA	COVEIROS								
	19	20	21	22	23	24	25	26	27
Funções que executam no desempenho da atividade profissional?	Exumações e Inumações	Todas	Abrir covas para funerais, Levantamentos de ossadas, limpezas	Abrir covas, fazer enterros e tapar	Abrir covas para enterros e tapar as mesmas; transladações	Todas	Inumações, exumações, transladações, manutenção e limpeza do cemitério	Funerais, exumação, transladação, manutenção, instalações (varrer, limpar, limpar wc, lixo)	Limpeza ruas/jazigos, inumação, transladação, exumação; tratar restos mortais e cinzas
Que métodos usam no exercício de funções (utensílios manuais ou mecânicos)?	Manuais	Manuais	Manuais	Pá, sachola e vassoura	Manuais: Pá, sachola e vassoura	Manuais	Utensílios manuais como pás, picareta e sachola	Pás, sacholas, vassouras, apanhadores, tesouras de poda, contentores para o lixo	Manuais: pá, sachola, pica, vassoura, apanhador, tesoura. Mecânicos: Dumper, ascensor, pulverizador
Que sentimentos experimentaram quando iniciaram esta atividade (indiferença, gosto, repulsa, receio, etc) ?	Receio	Gosto	Algum receio	Senti um pouco de receio	Senti um pouco de receio	Gosto	De início senti receio por não saber o que ia encontrar no novo trabalho	Inicialmente receio e neste momento indiferença	Inicial: receio face ao desconhecimento do trato com mortos. Com o tempo indiferença
O que sentem agora na execução das mesmas tarefas?	Receio	Gosto	Muito mais à vontade	Agora sinto-me mais à vontade	Sinto-me com capacidades na execução das tarefas	Gosto	Agora sinto gosto por aquilo que faço	Totalmente à vontade	Total à vontade com todas as situações
O que sentem perante a vossa família/amigos/conhecidos relativamente à vossa profissão (vergonha, orgulho, indiferença, etc)?	Indiferença	Orgulho	Indiferença	Sinto orgulho	Sinto-me orgulhoso	Orgulho	Sinto orgulho na minha profissão	Indiferente e completamente à vontade	Por hábito evito levar problemas e acontecimentos para fora do cemitério
Qual a postura adotada com as famílias dos defuntos durante a execução da vossa atividade (enterramentos, exumações, cremações, visitas)?	O máximo respeito possível	Respeito	Tento abstrair-me dos sentimentos das famílias	Respeito perante as famílias dos defuntos	Postura profissional, cumprir as minhas tarefas respeitando as famílias	Ajuda, respeito, compreensão	Postura de respeito e de pesar perante as famílias	Não Respondeu	Postura de respeito, devido ao meu carácter e sensibilidade
Qual o tipo de tarefas que preferem executar e as que menos gostam?	Gosto mais da manutenção e menos das inumações	Todas	Não tenho preferência	O que menos gosto é fazer enterros de crianças	Gosto de todas as tarefas	Todas as tarefas	Gosto de executar todo o tipo de tarefas	Não Respondeu	Gosto menos de funerais no Inverno devido ao manuseamento da terra
Que poderia melhorar na profissão de coveiro?	Sistema mecânico	Maquinaria	Não respondeu	Criar melhor ambiente de higiene e de limpeza	Ser mais bem remunerado já que é uma profissão com alguns riscos	A aplicação da maquinaria	Formação profissional para melhor parafraseamento com os municípios que vão ao cemitério	Não Respondeu	Salário; Substido risco; Relação c/ superiores; Relacionamento com os interpessoal; Formação

ENTREVISTA	COVEIROS							
	28	29	30	31				
Funções que executam no desempenho da atividade profissional?	Manutenção e limpeza do cemitério, inumações e exumações	Manutenção /limpeza cemitério(lixo, jardins, arruamentos)Inumações e exumações	Manutenção e limpeza do cemitério; inumações e exumações	Coveiro, manutenção do cemitério				
Que métodos usam no exercício de funções(utensílios manuais ou mecânicos)?	Métodos manuais	Manuais: pás, picas, vassouras.Mecânicos: Dupper para recolha do lixo	Manuais	Manuais, pás, picas, sachola, etc				
Que sentimentos experimentaram quando iniciaram esta atividade (indiferença, gosto, repulsa, receio, etc) ?	Talvez um certo receio	Algum receio	Um pouco de receio	Primeiro, receio.				
O que sentem agora na execução das mesmas tarefas?	Talvez uma certa indiferença	Indiferença	Agora de certa maneira é indiferença que sinto	Agora tenho gosto pelo trabalho que executo				
O que sentem perante a vossa família/amigos/conhecidos relativamente à vossa profissão (vergonha, orgulho, indiferença, etc)?	Uma profissão como outra qualquer com urnas	Uma profissão como outra qualquer	Não sinto nada.É uma profissão como outra qualquer que merece o mesmo respeito	Orgulho				
Qual a postura adotada com as famílias dos defuntos durante a execução da vossa atividade (enterramentos, exumações, cremações, visitas)?	Respeito, dignidade e prestar toda a informação que nos seja pedida	Uma postura de respeito	Postura de dignidade, respeito, disponibilidade para com as famílias	Bem apresentado e respeito				
Qual o tipo de tarefas que preferem executar e as que menos gostam?	Trabalhar à chuva	Funerais à chuva	Todas as tarefas são boas de executar.Gosto menos de trabalhar à chuva	Gosto mais do serviço de coveiro e gosto menos dos que não são de coveiro				
Que poderia melhorar na profissão de coveiro?	Salário, Horários aos Domingos e Feriados, meios mecânicos	Salário; Não trabalhar aos fds e feriados;Meio lhorar instalações; Meios mecânicos	Salário,melhoramento de instalações, não trabalhar domingos e feriados	Higiene,segurança, condições do material, remuneração, ninguém quer fazer isto				

Associação Portuguesa dos Profissionais do Sector Funerário

Escola dos Profissionais do Sector Funerário

Cursos

de

Formação Profissional

- Área Cemiterial -

Inscrições e Participação Gratuita



Plano 2009

2º Trimestre

Associação:

Rua do Entreposto Industrial nº 8 - 2º Esq. - Alfragide 2610-135 AMADORA
tel... : 21 470 64 20 Fax: 21 470 64 99 - E-mail : direccao@assppsf.com

Cursos de Formação Profissional a decorrerem em:
Rua do Entreposto Industrial, N.º 8 - 2.º Esq.º - Alfragide
2610-135 AMADORA

Acção de Formação: Operador Cemiterial**Objectivo Geral:**

Dotar os formandos de competências ao nível da função de coveiro/operador cemiterial e nos aspectos teóricos práticos de índole comportamental.

Objectivo Específico:

- Identificar o conceito de cemitério e práticas
- Identificar quais as funções do coveiro/operador cemiterial
- Identificar e analisar os riscos profissionais associados à função de coveiro/operador cemiterial e medidas de prevenção
- Identificar a prevenção dos factores psicológicos

Conteúdos Programáticos:**Introdução**

- Acolhimento dos formandos e apresentações
- Explicação dos Objectivo Geral e Objectivos Específicos da presente acção

Desenvolvimento

- (1) Cemitério: conceitos e práticas
 - (1.1) Ferramentas úteis no cemitério
 - (1.2) Os processos de inumação, cremação, exumação e trasladação no cemitério

- (2) O coveiro/operador cemiterial:
 - (2.1) Definição do conteúdo funcional
 - (2.2) Práticas cemiteriais
 - (2.3) Postura comportamental a assumir no cemitério
 - (2.4) Regras de comportamento comum
 - (2.5) Técnicas de atendimento (prestar informação ao cliente)

- (3) Prevenção de riscos laborais:
 - (3.1) Movimentação manual de cargas
 - (3.2) Fardamento apropriado à função/Equipamento de protecção individual

- (4) Prevenção dos factores psicológicos
 - (4.1) Stress: causas e consequências
 - (4.2) Álcool/tabaco: causas e consequências

Conclusão

- Avaliação da formação
- Entrega dos Certificados de Presença
- Encerramento

Data: 15 e 16 de Junho de 2009

Duração: 16 horas (2 dias / 8 horas)

Local: Rua do Entrepasto Industrial, N.º 8 - 2.º Esq.º - Alfragide - 2610-135 AMADORA

Destinatários: Coveiros (Operadores de Serviço); Responsáveis de Serviço; Chefes de Serviço

Inscrição e Participação Gratuitas

Ação de Formação: Competências Interpessoais – Desenvolvimento e Prática

Objectivo Geral:

Consciencializar os formandos acerca da definição de competência e suas características e implicações práticas.

Objectivo Específico:

- o Identificar o conceito de competências-chaves e de relacionamento interpessoal
- o Analisar particularmente cada competência abordada

Conteúdos programáticos:

Introdução

- Acolhimento dos formandos e apresentações
- Explicação dos Objectivo Geral e Objectivos Específicos da presente acção

Desenvolvimento

- (1) Competências Interpessoais: Definição
 - (1.1) Desenvolvimento de competências
 - (1.2) Modelo de competências
- (2) A auto-estima e auto-realização
 - (2.1) O sentimento positivo de si e o fortalecimento da auto-estima
 - (2.3) A escala de avaliação da auto-estima
- (3) A assertividade
 - (3.1) Definição e modelo da assertividade
 - (3.2) Benefícios da assertividade
 - (3.3) A escala de avaliação da assertividade
- (4) A criatividade
 - (4.1) Definição e o plano criativo
 - (4.2) Benefícios da criatividade
 - (4.3) A escala de avaliação da criatividade
- (5) A cooperação
 - (5.1) Redes de apoio social
 - (5.2) Benefícios da cooperação
 - (5.3) A escala de avaliação da cooperação
- (6) A comunicação
 - (6.1) Etapas da comunicação
 - (6.2) Benefícios da comunicação
 - (6.3) A escala de avaliação da comunicação
- (7) A resiliência
 - (7.1) Definição e método
 - (7.2) Benefícios da resiliência
 - (7.3) A escala de avaliação da resiliência

Conclusão

- Avaliação da formação
- Entrega dos Certificados de Presença
- Encerramento

Data: 19 e 22 (manhã) de Junho de 2009

Duração: 12 horas (1,5 dias / 12 horas)

Local: Rua do Entreposto Industrial, N.º 8 - 2.º Esq.º - Alfragide - 2610-135 AMADORA

Destinatários: Coveiros (Operadores de Serviço); Responsáveis de Serviço; Chefes de Serviço; Serviços Administrativos

Inscrição e Participação Gratuitas

Acção de Formação: Prevenção psicológica nos cemitérios

Objectivo Geral:

Dotar os formandos de competências ao nível do saber-saber acerca da morte e do luto e aprender a geri-lo (o luto) através do apoio social

Objectivo Específico:

- o Identificar o sentido da vida para entender a morte
- o Identificar os conceitos de morte e luto
- o Identificar as fases de luto nos enlutados e na pessoa que vai morrer
- o Analisar as redes de apoio social como fonte de ajuda ao luto

Conteúdos programáticos:

Introdução

- Acolhimento dos formandos e apresentações
- Explanação dos Objectivo Geral e Objectivos Específicos da presente acção

Desenvolvimento

O sentido da vida e entender o conceito da morte
A vinculação
O modelo de transição e adaptação à morte
As fases do processo de luto (para "quem vê morrer" e "quem vai morrer")
As redes de apoio social

Conclusão

- Avaliação da formação
- Entrega dos Certificados de Presença
- Encerramento

Data: 22 de Junho de 2009 (tarde)

Duração: 4 horas (0,5 dias / 4 horas)

Local: Rua do Entrepasto Industrial, N.º 8 - 2.º Esq.º - Alfragide - 2610-135 AMADORA

Destinatários: Coveiros (Operadores de Serviço); Responsáveis de Serviço; Chefes de Serviço; Serviços Administrativos

Inscrição e Participação Gratuitas

Acção de Formação: Gestão ambiental em Complexos Funerários e Cemitérios

Objectivo Geral:

Dotar os formandos de competências que lhes possibilitem realizar as suas actividades preservando o meio ambiente e contribuindo para o desenvolvimento sustentável

Objectivo Específico:

- o Compreender o que é o desenvolvimento sustentável
- o Identificar Aspectos e Impactes Ambientais
- o Compreender o que são objectivos e metas ambientais
- o Encaminhar correctamente os resíduos

Conteúdos programáticos:

Introdução

- Acolhimento dos formandos e apresentações
- Explanação dos Objectivo Geral e Objectivos Específicos da presente acção

Desenvolvimento

Noção de ambiente
Conceitos e definições

Identificar aspectos ambientais
Compreender o que são impactes ambientais

Como separar resíduos

O que são Objectivos

Estabelecer Indicadores e Metas

Conclusão

- Avaliação da formação
- Entrega dos Certificados de Presença
- Encerramento

Data: 23 de Junho de 2009 (manhã)

Duração: 4 horas (0,5 dias / 4 horas)

Local: Rua do Entreposto Industrial, N.º 8 - 2.º Esq.º - Alfragide - 2610-135 AMADORA

Destinatários: Coveiros (Operadores de Serviço); Responsáveis de Serviço; Chefes de Serviço; Serviços Administrativos

Inscrição e Participação Gratuitas

<p>Relação com os Profissionais de Saúde</p> <p>75,5% dos médicos pessoais dos membros sabem da sua pertença a AA.</p> <p>49,7% dos membros disseram que um profissional de saúde lhe sugeriu AA.</p>	<p>Acerca de AA</p> <p>AA pode encontrar-se em quase todos os lugares, praticamente a qualquer hora em mais de 105.000 grupos espalhados pelo mundo. Agrada-nos toda e qualquer oportunidade de cooperar com outros para prestar ajuda a alcoólicos.</p> <p>Procure AA em www.aaportugal.org ou pelo Telefone 217 162 969</p>																																																								
<p>Ajuda adicional antes</p> <p>63,4% dos membros receberam tratamento ou aconselhamento de tipo médico, psicológico, espiritual, etc., antes de chegarem a AA.</p> <p>79,4% dos membros que receberam tratamento ou aconselhamento disseram que isso foi importante para se dirigirem a AA.</p> <p>Ajuda adicional depois</p> <p>46,0% dos membros receberam tratamento ou aconselhamento de tipo médico, psicológico, espiritual, etc., depois de chegarem a AA.</p> <p>93,5% dos membros que receberam tratamento ou aconselhamento disseram que isso foi importante para a sua recuperação em AA.</p>	<p><i>Alcoólicos Anónimos é uma comunidade de homens e mulheres que partilham a sua experiência, força e esperança para resolverem o seu problema comum e ajudar outros a recuperar do alcoolismo.</i></p> <p><i>O único requisito para ser membro de AA é o desejo de parar de beber. Para ser membro de AA não é necessário pagar taxas de admissão nem quotas; somos auto-suficientes pelas nossas próprias contribuições.</i></p> <p><i>AA não está ligado a nenhuma seita, religião, instituição política ou organização; não se envolve em qualquer controvérsia, não subscreve nem combate quaisquer causas.</i></p> <p><i>O nosso propósito primordial é manter-nos sóbrios e ajudar outros alcoólicos a alcançar a sobriedade.</i></p> <p><small>© Copyright "The AA Grapevine, Inc.", reproduzido com autorização.</small></p> <p>Literatura aprovada pela Conferência de Serviços Gerais de Alcoólicos Anónimos de Portugal.</p>																																																								
<p>Idade dos membros:</p> <table border="0"> <tr><td>Menos de 30 anos</td><td>1,8 %</td></tr> <tr><td>de 31 a 40 anos</td><td>24,5 %</td></tr> <tr><td>de 41 a 50 anos</td><td>36,8 %</td></tr> <tr><td>de 51 a 60 anos</td><td>27,7 %</td></tr> <tr><td>Mais de 60 anos</td><td>9,2 %</td></tr> </table> <p>Idade média dos membros: 47 anos</p> <p>Sexo:</p> <table border="0"> <tr><td>Mulheres</td><td>24,7 %</td></tr> <tr><td>Homens</td><td>75,3 %</td></tr> </table> <p>Estado Civil:</p> <table border="0"> <tr><td>Casado</td><td>54,9 %</td></tr> <tr><td>Solteiro</td><td>13,3 %</td></tr> <tr><td>Divorciado</td><td>23,6 %</td></tr> <tr><td>Viúvo</td><td>2,5 %</td></tr> <tr><td>Separado</td><td>3,0 %</td></tr> <tr><td>Outro</td><td>2,7 %</td></tr> </table>	Menos de 30 anos	1,8 %	de 31 a 40 anos	24,5 %	de 41 a 50 anos	36,8 %	de 51 a 60 anos	27,7 %	Mais de 60 anos	9,2 %	Mulheres	24,7 %	Homens	75,3 %	Casado	54,9 %	Solteiro	13,3 %	Divorciado	23,6 %	Viúvo	2,5 %	Separado	3,0 %	Outro	2,7 %	<p>Entrada em AA</p> <p>Dos factores que mais influenciaram a vinda para AA, os membros escolheram dois. Tal facto deve ser considerado nas percentagens referidas.</p> <table border="0"> <tr><td>Um membro de AA</td><td>14,4 %</td></tr> <tr><td>Por iniciativa própria</td><td>24,5 %</td></tr> <tr><td>Instituição de tratamento</td><td>16,8 %</td></tr> <tr><td>Família</td><td>20,0 %</td></tr> <tr><td>Ordem Judicial</td><td>0,5 %</td></tr> <tr><td>Profissional de Saúde</td><td>8,9 %</td></tr> <tr><td>Chefe ou colega de trabalho</td><td>1,0 %</td></tr> <tr><td>Amigo ou conhecido</td><td>6,1 %</td></tr> <tr><td>Membro de Al-Anon/Alateen</td><td>0,7 %</td></tr> <tr><td>Literatura AA</td><td>0,8 %</td></tr> <tr><td>Instituição correcional</td><td>0,1 %</td></tr> <tr><td>Jornal, rádio ou TV</td><td>1,3 %</td></tr> <tr><td>Farmácia (cartão - folheto)</td><td>0,3 %</td></tr> <tr><td>Membro do Clero</td><td>0,3 %</td></tr> <tr><td>Outro</td><td>4,3 %</td></tr> </table>	Um membro de AA	14,4 %	Por iniciativa própria	24,5 %	Instituição de tratamento	16,8 %	Família	20,0 %	Ordem Judicial	0,5 %	Profissional de Saúde	8,9 %	Chefe ou colega de trabalho	1,0 %	Amigo ou conhecido	6,1 %	Membro de Al-Anon/Alateen	0,7 %	Literatura AA	0,8 %	Instituição correcional	0,1 %	Jornal, rádio ou TV	1,3 %	Farmácia (cartão - folheto)	0,3 %	Membro do Clero	0,3 %	Outro	4,3 %
Menos de 30 anos	1,8 %																																																								
de 31 a 40 anos	24,5 %																																																								
de 41 a 50 anos	36,8 %																																																								
de 51 a 60 anos	27,7 %																																																								
Mais de 60 anos	9,2 %																																																								
Mulheres	24,7 %																																																								
Homens	75,3 %																																																								
Casado	54,9 %																																																								
Solteiro	13,3 %																																																								
Divorciado	23,6 %																																																								
Viúvo	2,5 %																																																								
Separado	3,0 %																																																								
Outro	2,7 %																																																								
Um membro de AA	14,4 %																																																								
Por iniciativa própria	24,5 %																																																								
Instituição de tratamento	16,8 %																																																								
Família	20,0 %																																																								
Ordem Judicial	0,5 %																																																								
Profissional de Saúde	8,9 %																																																								
Chefe ou colega de trabalho	1,0 %																																																								
Amigo ou conhecido	6,1 %																																																								
Membro de Al-Anon/Alateen	0,7 %																																																								
Literatura AA	0,8 %																																																								
Instituição correcional	0,1 %																																																								
Jornal, rádio ou TV	1,3 %																																																								
Farmácia (cartão - folheto)	0,3 %																																																								
Membro do Clero	0,3 %																																																								
Outro	4,3 %																																																								
<p>Tempo de Sobriedade:</p> <table border="0"> <tr><td>Menos de um ano</td><td>22,7 %</td></tr> <tr><td>De um a cinco anos</td><td>43,0 %</td></tr> <tr><td>De cinco a dez anos</td><td>21,3 %</td></tr> <tr><td>Mais de dez anos</td><td>13,0 %</td></tr> </table> <p>Pertença a um Grupo de AA:</p> <p>dos membros pertencem a um Grupo. 94,3 %</p>	Menos de um ano	22,7 %	De um a cinco anos	43,0 %	De cinco a dez anos	21,3 %	Mais de dez anos	13,0 %	<p>Apadrinhamento:</p> <p>43,0% dos membros têm padrinho ou madrinha.</p> <p>Destes, 71,8% conseguiram o seu padrinho/madrinha nos primeiros 6 meses.</p> <p>Assistência a Reuniões</p> <p>Os membros assistem, em média, a 2 Reuniões por semana.</p>																																																
Menos de um ano	22,7 %																																																								
De um a cinco anos	43,0 %																																																								
De cinco a dez anos	21,3 %																																																								
Mais de dez anos	13,0 %																																																								
<p>Ocupação dos membros</p> <table border="0"> <tr><td>Gerente / Chefe</td><td>6,6 %</td></tr> <tr><td>Professor(a)</td><td>2,7 %</td></tr> <tr><td>Profissional de Saúde</td><td>3,2 %</td></tr> <tr><td>Técnico / Profissional</td><td>9,2 %</td></tr> <tr><td>Profissional Liberal</td><td>7,3 %</td></tr> <tr><td>Operário(a)</td><td>12,8 %</td></tr> <tr><td>Agricultor(a)</td><td>0,7 %</td></tr> <tr><td>Empresário(a)</td><td>5,9 %</td></tr> <tr><td>Administrativo(a)</td><td>5,7 %</td></tr> <tr><td>Reformado(a)</td><td>13,0 %</td></tr> <tr><td>Desempregado(a)</td><td>8,7 %</td></tr> <tr><td>Incapacitado(a)</td><td>0,5 %</td></tr> <tr><td>Estudante</td><td>1,4 %</td></tr> <tr><td>Trabalho Doméstico</td><td>1,8 %</td></tr> <tr><td>Comerciante</td><td>2,3 %</td></tr> <tr><td>Militar</td><td>2,1 %</td></tr> <tr><td>Outra</td><td>16,0 %</td></tr> </table>	Gerente / Chefe	6,6 %	Professor(a)	2,7 %	Profissional de Saúde	3,2 %	Técnico / Profissional	9,2 %	Profissional Liberal	7,3 %	Operário(a)	12,8 %	Agricultor(a)	0,7 %	Empresário(a)	5,9 %	Administrativo(a)	5,7 %	Reformado(a)	13,0 %	Desempregado(a)	8,7 %	Incapacitado(a)	0,5 %	Estudante	1,4 %	Trabalho Doméstico	1,8 %	Comerciante	2,3 %	Militar	2,1 %	Outra	16,0 %	<p>Que trouxe AA à vida dos membros?</p> <table border="0"> <tr><td>76,7 %</td><td>Assinalam Estabilidade Emocional.</td></tr> <tr><td>44,2 %</td><td>Assinalam Reintegração Social.</td></tr> <tr><td>72,1 %</td><td>Assinalam Estabilidade Familiar.</td></tr> <tr><td>42,6 %</td><td>Assinalam melhorias a nível profissional.</td></tr> </table> <p>Esta questão é de resposta múltipla, razão pela qual o somatório das percentagens apresentadas poderá ser superior a 100%.</p> <p>Ficha Teórica:</p> <p>A sondagem foi realizada em Outubro/Novembro de 2007, sendo o seu universo constituído pelos membros que de modo voluntário e anonimamente participaram, espalhados pelos grupos do Continente e Regiões Autónomas.</p> <p>O número de respostas foi de 437, não sendo possível determinar a taxa de adesão devido a AA não ter registos dos seus membros.</p> <p>O questionário, em papel, teve apenas perguntas fechadas. As estimativas calculadas possuem um intervalo de confiança de 95%.</p>	76,7 %	Assinalam Estabilidade Emocional.	44,2 %	Assinalam Reintegração Social.	72,1 %	Assinalam Estabilidade Familiar.	42,6 %	Assinalam melhorias a nível profissional.														
Gerente / Chefe	6,6 %																																																								
Professor(a)	2,7 %																																																								
Profissional de Saúde	3,2 %																																																								
Técnico / Profissional	9,2 %																																																								
Profissional Liberal	7,3 %																																																								
Operário(a)	12,8 %																																																								
Agricultor(a)	0,7 %																																																								
Empresário(a)	5,9 %																																																								
Administrativo(a)	5,7 %																																																								
Reformado(a)	13,0 %																																																								
Desempregado(a)	8,7 %																																																								
Incapacitado(a)	0,5 %																																																								
Estudante	1,4 %																																																								
Trabalho Doméstico	1,8 %																																																								
Comerciante	2,3 %																																																								
Militar	2,1 %																																																								
Outra	16,0 %																																																								
76,7 %	Assinalam Estabilidade Emocional.																																																								
44,2 %	Assinalam Reintegração Social.																																																								
72,1 %	Assinalam Estabilidade Familiar.																																																								
42,6 %	Assinalam melhorias a nível profissional.																																																								

CÓDIGO DE DIREITO CANÓNICO
PROMULGADO POR S.S. O PAPA JOÃO PAULO II

© Versão portuguesa: Copyright by Conferência Episcopal Portuguesa, Lisboa, 1983

Página 205

LIV. IV — Do múnus santificador da Igreja

PARTE II — Dos outros actos do culto divino

TÍTULO III
DAS EXÉQUIAS ECLESIAÍSTICAS

Cân. 1176 — § 1. Devem fazer-se exéquias eclesiásticas aos fiéis defuntos, segundo as normas do direito.

§ 2. As exéquias eclesiásticas, com as quais a Igreja implora o auxílio espiritual para os defuntos e honra os seus corpos, e ao mesmo tempo leva aos vivos a consolação da esperança, devem celebrar-se em conformidade com as leis litúrgicas.

§ 3. A Igreja recomenda vivamente que se conserve o piedoso costume de sepultar os corpos dos defuntos; mas não proíbe a cremação, a não ser que tenha sido preferida por razões contrárias à doutrina cristã.

Anexo J – Pedido de informação à Câmara Municipal do Porto sobre o número de Cremações

- **FW: [Fwd: FW:**

03-05-2012

DMPU - Divisão Municipal Parques Urbanos



DMPU - Divisão Municipal Parques Urbanos

parquesurbanos@cm-porto.pt

Para helenajacques@hotmail.com, Liliana Celeste Roriz Leiras Ferreira, Arnaldina Maria Cerqueira Riesenberger Lourenço

De: **carlabessa@cm-porto.pt** em nome de **DMPU - Divisão Municipal Parques Urbanos**
(parquesurbanos@cm-porto.pt)

Enviada: quinta-feira, 3 de Maio de 2012 10:02:55

Para: helenajacques@hotmail.com (helenajacques@hotmail.com)

Cc: Liliana Celeste Roriz Leiras Ferreira (lilianaferreira@cm-porto.pt); Arnaldina Maria Cerqueira Riesenberger Lourenço (arnaldinariesenberger@cm-porto.pt)

1 anexo (42,7 KB)



Cremação.pdf

[Transferir](#)(42,7 KB)

Transferir como zip

Exma. Senhora

Dr.ª Helena Jacques,

Na sequência do pedido formulado, sobre o processo de cremação, no Cemitério Municipal do Prado do Repouso, informamos que o mesmo mereceu parecer favorável, pelo que anexamos os referidos dados desde a abertura daquele equipamento, em 1996 até 2011.

Consideramos pertinente o recebimento dos dados tratados e das conclusões deste trabalho.

Com os melhores cumprimentos,

Divisão Municipal de Parques Urbanos
Estrada Interior da Circunvalação, 15443 4100 -183 Porto
tel.: +351 22 532 00 80 |

Descrição: Pub

-----Mensagem original-----

De: Francisco Queiroz [mailto:correio@franciscoqueiroz.com]

Enviada: domingo, 29 de Abril de 2012 20:06

Para: DMPU - Divisão Municipal Parques Urbanos

Cc: helenajacques@hotmail.com; Liliana Celeste Roriz Leiras Ferreira;

Arnaldina Maria Cerqueira Riesenberger Lourenço

Assunto: [Fwd: FW: Cremações]

Dando seguimento à sequência de mensagens abaixo transcrita, venho declarar que mestranda Helena Jacques encontra-se a elaborar a sua dissertação de mestrado em Gestão de Recursos Humanos, no ISLA Gaia, sob minha orientação. O tema da referida dissertação é a profissão de coveiro.

Solicito, pois, a melhor colaboração da Câmara Municipal do Porto, nomeadamente no fornecimento de dados estatísticos sobre a evolução do número de cremações, e outros dados que eventualmente venham a ser considerados pertinentes para a sua pesquisa.

Grato pela atenção

Francisco Queiroz

Prof. Doutor Francisco Queiroz
Rua da Aldeia Nova, 138, Madalena
4405-723 Vila Nova de Gaia, Portugal
Telef. (+351) 227125392 / 224056156 / 916868511 / 935760936
correio@franciscoqueiroz.com www.FranciscoQueiroz.com

From: parquesurbanos@cm-porto.pt
To: helenajacques@hotmail.com
CC: lilianaferreira@cm-porto.pt; arnaldinariesenberger@cm-porto.pt
Date: Thu, 26 Apr 2012 14:18:47 +0100
Subject: FW: Cremações

Exma. Senhora

Dr.ª Helena Jacques,

Na sequência do pedido formulado, sobre o processo de cremação, no Cemitério Municipal do Prado do Repouso, solicitamos declaração do orientador de Mestrado.

Com os melhores cumprimentos,

Divisão Municipal de Parques Urbanos
Estrada Interior da Circunvalação, 15443 4100 -183 Porto
tel.: +351 22 532 00 80 |

De: Helena Jacques [mailto:helenajacques@hotmail.com]
Enviada: segunda-feira, 23 de Abril de 2012 18:15
Para: Gabinete Múncipe CMP; dmhp@cm-porto.pt
Assunto: Cremações

Boa Tarde

Na sequência de uma Tese de Mestrado de GRH que visa estudar a profissão de coveiro, servindo objetivos puramente académicos, venho solicitar a esta Entidade informação sobre o número de cremações efetuadas por ano no Vosso Crematório (o nº de anos possível), de forma a poder chegar a uma conclusão sobre o crescimento desta prática, baseada em informações credíveis.

Grata pela vossa atenção, apresento cumprimentos

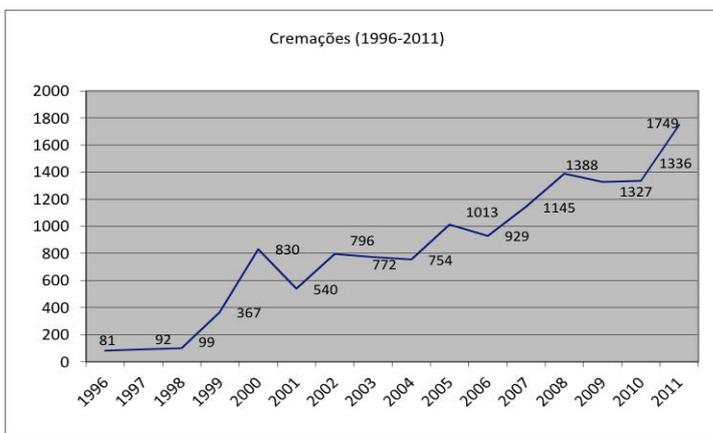
Maria Helena Jacques
Licenciada em Engenharia Multimédia
Pós-Graduada em GRH
Mestranda em GRH

Anexo K – Número de cremações no cemitério do Prado do Reposo

Documento enviado pela Câmara Municipal do Porto em 3 de Maio de 2012.

Cremações no Cemitério do Prado do Reposo

1996	81
1997	92
1998	99
1999	367
2000	830
2001	540
2002	796
2003	772
2004	754
2005	1013
2006	929
2007	1145
2008	1388
2009	1327
2010	1336
2011	1749



Anexo L – Solicitação de entrevista à Ecogaya

13-04-2012

Helena Jacques

Para secretaria.ecogaya@gmail.com

De: **Helena Jacques** (helenajacques@hotmail.com)

Enviada: sexta-feira, 13 de Abril de 2012 14:39:39

Para: secretaria.ecogaya@gmail.com

Boa Tarde

Conforme nossa conversa telefónica e na sequência da investigação que estou a desenvolver, puramente académica, no âmbito de Tese de Mestrado, venho solicitar me dispense algum tempo para conversarmos sobre o funcionamento do Tanatório e de Cremação.

Aguardo resposta e apresento cumprimentos

Maria Helena Jacques



Beatriz Francisca Gonçalves Ribeiro Cerqueira

beatriz.cerqueira@cm-matosinhos.pt

Para helenajacques@hotmail.com

De: **Beatriz Francisca Gonçalves Ribeiro Cerqueira** (beatriz.cerqueira@cm-matosinhos.pt)

Enviada: quinta-feira, 26 de Abril de 2012 15:05:04

Para: helenajacques@hotmail.com (helenajacques@hotmail.com)



Boa tarde,

Na sequência do vosso e-mail informo que o n.º de cremações é o seguinte:

- Ano de 2009 – 10 cremações

- Ano de 2010 – 181 cremações

- Ano de 2011 – 384 cremações

Com os melhores cumprimentos,

Beatriz Cerqueira

Câmara Municipal de Matosinhos

Departamento Financeiro – Divisão Receita

Av. D. Afonso Henriques, 4454-510 Matosinhos

Tel. 229392274

beatriz.cerqueira@cm-matosinhos

QUESTIONÁRIO

Este questionário foi desenvolvido por Maria Helena Gomes Jacques em 2011. Todos os dados recolhidos servem propósitos exclusivamente académicos. O objetivo deste questionário é o de recolher informações que nos permitam analisar e validar alguns aspetos da função de Coveiro. O seu contributo como profissional na área é fundamental para percebermos o posicionamento da função na organização, os instrumentos e atividades utilizados e o seu impacto. Este questionário é completamente anónimo. Desde já o nosso agradecimento pelo seu contributo.

1. Dados Pessoais:

1.1 Idade: _____

1.2 Género:

- Masculino
- Feminino

1.3 Habilitações Literárias:

- Ensino Básico (4º ano escolaridade)
- Ensino Básico (9º ano escolaridade)
- Ensino Secundário
- Licenciatura
- Mestrado
- Doutoramento
- Outro (especifique)

1.4 Estado Civil:

- Solteiro
- Casado
- Separado
- Divorciado
- Viúvo
- Outro (especifique)

2. Dados Profissionais:

2.1 Local de Trabalho:

- Lisboa
- Porto
- Outra cidade
- Vila
- Aldeia

2.2 Entidade Patronal:

- Câmara Municipal
- Junta de Freguesia
- Ordem Religiosa
- Outro

2.3 Início de Atividade no Cemitério : _____

2.4 Salário Líquido : _____

2.5 Horário de Trabalho : _____

2.6 Horas Extras Remuneradas:

- Sim
- Não

2.7 Serviço por Turnos:

- Sim
- Não

2.8 Progressão na Carreira:

- Sim
- Não

2.9 Sindicalizado:

- Sim
- Não

2.10 Formação Profissional:

- Sim
- Não

2.11 Possuem fardas e proteções higiénicas (luvas, máscaras):

- Sim
- Não

3. Funções que executam no desempenho da atividade profissional?

4. Que métodos usam no exercício de funções (utensílios manuais ou mecânicos)?

5. Que sentimentos experimentaram quando iniciaram esta atividade (indiferença, gosto, repulsa, receio, etc.)?

6. O que sentem agora na execução das mesmas tarefas?

7. O que sentem perante a vossa família/amigos/conhecidos relativamente à vossa profissão (vergonha, orgulho, indiferença, etc.)?

8. Qual a postura adotada com as famílias dos defuntos durante a execução da vossa atividade (enterramentos, exumações, cremações, visitas)?

9. Qual o tipo de tarefas que preferem executar e as que menos gostam?

10. Que poderia melhorar na profissão de Coveiro?

OBRIGADA

